



REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS
Palácio da Rocha do Conde d'Obidos — LISBOA



Composto e impresso no
CENTRO TIP. COLONIAL — L. d'Abegoaria, 27

I VOLUME — SETEMBRO — 1928 — NUMERO IX

HERALDICA DE DOMINIO

BORBA

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas e aprovado em sessão de 14 de Dezembro de 1927 da Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portugueses.

NA Sessão da Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portugueses, efectuada em 24 de Março de 1924 foi presente o seguinte officio:

« — Camara Municipal do Concelho de Borba — n.º 78 — Em 21 de Março de 1927 — Ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Associação dos Archeologos — Museu do Carmo — Lisboa — Ex.^{mo} Sr. — Tendo esta Camara o maximo empenho em possuir um «Pavilhão Municipal», que possa servir nos proximos festejos a realizar no mez de Maio por ocasião da inauguração da luz electrica, vem muito respeitosa-mente solicitar á Associação de que V. Ex.^a é digno Presidente se digne fazer o estudo do projecto do referido pavilhão. — Certo de que V. Ex.^a se dignará aceitar este pedido, tenho a honra de, em nome desta Camara, apresentar a V. Ex.^a affectuosos agradecimentos e votos de Saude e Fraternidade. — Pelo Presidente da Commissão Administrativa, o Vogal (a) João Manuel Proença... —

Este officio traz o sêlo em branco de Borba que inclui ao centro um escudo partido tendo no primeiro um castelo encimado por um peixe e no segundo uma arvore.

Repete-se nos varios livros que tratam de Borba

que este peixe é um barbo que appareceu num poço do Castello e que d'ahi vem o nome da terra.

É infantil esta razão, pois se o peixe appareceu num poço do Castello é porque o Castello já existia antes de apparecer o peixe e, se existia, tinha nome. ¿Como se chamava portanto aquele Castello?

Em Portugal existe o Rio Borba no Minho, no concelho de Celorico de Basto, o qual entre outras povoações banha Borba da Montanha.

No Foral Novo de Celorico de Basto ha referencia ás povoações de Borba, Borba de Azinhães e Borba de Godim, citando ainda a povoação de Borbella.

No Brazil ha a Villa de Borba na provincia do Amazonas e a povoação de Borba na provincia do Espirito Santo.

Emfim vê-se que é um nome vulgar, sendo interessante que todas estas povoações são banhadas por rios ou ribeiros.

Como a provincia do Alemtejo tem grandes extensões sem agua, geralmente só se fundaram povoações onde havia nascentes ou passava qualquer ribeiro e o caso era por tal forma apreciado que encontramos charizes repuxando agua nas Armas de Alter do Chão e Sabrosa e tanques nas Armas de Estremoz.

Borba do Alemtejo está situada numa região fértil e abundante de aguas, sendo portanto muito natural que quizesse representar no seu sêlo essa grande riqueza tão apreciada no Alemtejo, mas, para se differenciar d'a-

quellas povoações que adoptaram chafarizes e tanques, adoptou a representação da agua com duas cabeças de peixe sahintes da mesma, para significar a riqueza da região, sem a menor intenção de attribuir á especie desses peixes, o nome da Villa, ou sem mesmo terem a intenção de representar barbos.



Sello de Borba segundo este parecer

Quem investiga historia, encontra constantemente d'estes casos.

Houve sempre o desejo de inventar razões para tudo, não admirando portanto que nos apareçam pessoas que com a maior facilidade formam definições d'ocasião sem possuirem a menor base.

Ora o peixe denominado barbo existe nos rios e no mar, sendo porem diferentes. O barbo do mar é pequeno, não tem escamas, tem a pelle esverdeada e molle e as barbatanas tambem são molles. Vulgarmente tem vinte centimetros de comprido. É repugnante á vista, não servindo para a nossa alimentação. É conhecido por barbo por ter no focinho trez barbilhões, um no meio do labio superior e um de cada lado do labio inferior.

O barbo do rio, chega a medir trinta e cinco centimetros, é coberto de escamas grandes, é amarello dourado e tem este nome por ter dois barbilhões de cada lado da boca.

No primitivo sello de Borba, appareceram com barbas as cabeças dos peixes sahintes da agua?

Naturalmente não. A ideia foi apenas mostrar que a região era fértil.

Nos tempos antigos quando se construhia um sello ou uma bandeira e portanto umas Armas, havia o maior cuidado em deixar bem saliente o que se desejava representar.

Se pudesse ser um facto o apparecer milagrosamente um barbo dentro de um poço, podemos garantir, pelo conhecimento que temos da construcção da heraldica antiga, que o barbo appareceria nas Armas de Borba, com sinais clarissimos de que era um barbo e então alem de lhe indicarem os filetes ou barbilhões que tornam este peixe tão caracteristico, seria representado

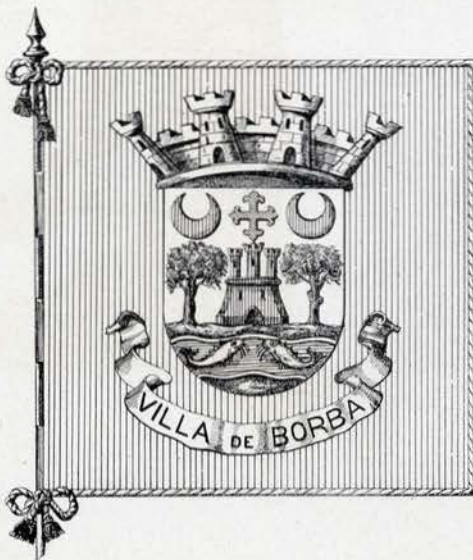
fora d'agua, ou, pelo menos, dentro de um poço ou tanque. Agora n'um espaço d'agua sem limites, duas cabeças de peixe sahintes, sem qualquer outra indicação que não fosse a de peixes vulgares, não me parece que queira tornar falantes as Armas de Borba.

Nas Armas de Setubal, tambem apparece um mar, com cabeças de peixe sahintes, indicando apenas a riqueza ou abundancia local.

Nas Armas de Celarico da Beira, ha um Castello e voando no alto uma aguia com um peixe nas garras. Reza a tradição que, estando um forte cerco ao castello e estando a guarnição d'este a morrer de fome, passou uma aguia que largou dentro do castello uma truta. O Alcaide para mostrar ao Comandante do cerco que existia uma grande abundancia dentro da fortaleza, enviou-lhe a truta de presente, resultando que o comandante do cerco julgando por aquelle presente que não seria capaz de pela fome render os sitiados, levantou o cerco e foi-se embora.

Aqui ha, portanto, esta razão para apparecer uma truta nas Armas de Celarico, agora, apparecerem dois barbos nas Armas de Borba, por causa d'estes peixes terem apparecido n'um poço do Castello, não me parece.

O livro impresso mais antigo que conhecemos que trata de Armas de dominio, é: Poblacion General de



Bandeira de Borba com as cores indicadas heraldicamente

España sus trofeos, blasones etc., por Rodrigo Mendes da Silva, Madrid, 1645.

Na folha 172 d'esta obra, sobre as Armas de Borba, vem: — en escudo dos barbos —.

A Camara Municipal de Lisboa pensou editar, em meados do Seculo passado, uma obra que incluísse as Armas das Cidades e Villas de Portugal, pello que expediou circulares por todas os Municipios.

O de Borba respondeu:

«Camara Municipal do Concelho de Borba. N.º 208 — II.º Sr. — Na Sessão da Camara Municipal a que presido, que teve lugar no dia de hoje, fiz presente a honrosa carta que V. Sr.ª houve por bem dirigir-me com a data de 25 de Setembro ultimo, e escientificada do seu contheudo, do melhor grado annue á sua exigencia, não só por ser hum pedido de V. Sr.ª, e de Interesse Nacional mas tão bem por dizer respeito á Ex.ª Camara Municipal dessa Còrte de que V. Sr.ª é Digno Membro, a quem esta muito respeita, e se ufana em poder coadjuvar em tudo quanto esteja ao seu alcance. Sim II.º Sr; satisfizen-

giu uma Igreja, que é a Matriz, com a indicação de Nossa Senhora do Soveral, e hum Castello que foi edificado no Reinado d'El-Rei D. Diniz, o que tudo se conta por tradição. — A Camara sente sobremaneira não poder cabalmente satisfazer para hum fim tão justo a tudo quanto é exigido, o que de muito boa vontade faria sendo-lhe possível; e em qualquer outra cousa que esteja ao seu alcance muito se lisongeará em poder mostrar, que sinceramente ambiciona repetidas occasiões para satisfazer seus desejos, — Deos Guarde a V. Sr.ª. — Borba 13 de Outubro de 1855. — II.º Sr. Ayres de Sá Nogueira. — Dg.º Vereador da Camara Municipal de Lisboa. — O Presidente da Camara. — (a) José Maria da Silva e Menezes...»



Bandeira e armas da Villa de Borba

do do que lhe é possível e não com a precisa autenticidade, pois que hoje não existe aqui no seu Archivo documento algum antigo em consequencia de ter sido devorado pelas chamas na ocasião da Guerra dos Hespanhoes, o Cartorio desta Municipalidade, sou a dizer a V. Sr.ª que o Brazão d'Armas que parece ser genuino segundo por tradição consta; e de que usa esta Camara, he o que tenho a honra de incluso remeter estampado em lacar a V. Sr.ª; a origem foi um Barbo, que se diz apparecera em uma lagôa ou fonte que existia dentro do Castello desta Villa; uma Sovreira, em consequencia de um Sovreiral que havia no Rocio de Baixo, e aonde se diz apparecera em huma Sovreira a Imagem de Nossa Senhora pelo que se lhe eri-

Vê-se que Ignacio de Vilhena Barbosa não aproveitou esta informação porque no 1.º Volume da sua obra «As Cidades e Villas da Monarchia Portuguesa que teem Brazão d'Armas». Lisboa, 1865, a pags. 79, diz:

«— Ha diversas opiniões sobre o seu verdadeiro brasão d'Armas. Quererem uns, que seja um castello e ao pé uma fonte com um barbo. Outros dizem, que é um rochedo sobre agua, da qual saem dois barbos, e assim está pintado na Torre do Tombo. A opinião que achamos mais seguida é a que se conforma com a estampa junta — um escudo simplesmente com dois barbos a sahir d'agua. —»

Ha porem a necessidade de ordenar as Armas de Borba conforme me encarregaram e então, adoptando a norma que tenho seguido, aproveitarei os elementos



Sello de Cucujães segundo o parecer respectivo

necessarios para que a historia de Borba fique bem representada nas suas Armas.

Ora succede que lendo a monografia «O Concelho de Borba (topografia e historia)» pelo Reverendo Padre Antonio Joaquim Anselmo. Elvas. 1907, vejo que Borba muito deve á Ordem de Aviz.

A pags. 67 d'aquella obra vem:

«Foi durante o Reinado de D. Afonso II que Borba passou ao poder dos portugueses. Este Rei, pouco inclinado á guerra, tinha cometido a continuação da conquista do Alentejo aos cavalleiros das varias ordens militares, nomeadamente aos de Aviz, e D. Fernão d'Annes, mestre d'esta Ordem, emprehendera, logo em seguida á tomada de Alcacer (1297) a conquista do Alentejo oriental. Sahindo do seu forte castello de Aviz, Fernão d'Annes avassalou em successivas expedições todo o territorio onde já então se erguiam as pequenas povoações de Veiros, Monforte, Borba e Villa Viçosa, de forma que, quando em 1223 D. Sancho II subiu ao throno, já encontrou esta região incorporada na sua pequena monarchia.

A Igreja Paroquial da Freguezia matriz da invocação de Nossa Senhora do Sobral, segundo se vê a paginas 31 do obra citada, foi fundada em 1420 por D. Fernão Roiz de Sequeira, Mestre da Ordem de Aviz.

Esta Igreja ficou pertencendo á Ordem de Aviz sendo o seu Prior um freire professo.

Deve portanto a Cruz de Aviz figurar nas mesmas Armas entre os crescentes que representam os arabes a quem os Cavaleiros d'aquella Ordem a tomaram.

Sem ir mais longe com a velha historia de Borba, proponho que as suas Armas fiquem assim constituidas:

— De prata com um Castello de vermelho acompanhado de duas Sovereiras de verde sobre um terrado de sua cor cortado por um Rio de azul orlado de prata com dois Barbos do mesmo metal. Em chefe a Cruz de Aviz acompanhada de dois Crescentes de vermelho.
— Coroa de quatro torres de prata.

— *Bandeira de vermelho por o Castello, peça principal, ser d'esta cor.*

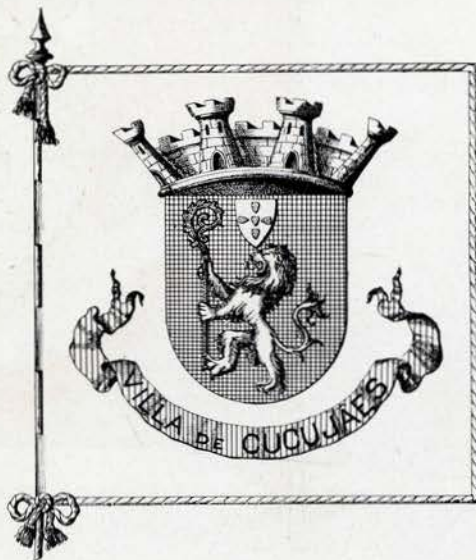
— *Por debaixo das Armas uma fita branca com letras pretas.*

Propuz que o castello fosse de vermelho por este esmalte, em heraldica, representar as guerras, os ardis e as victorias e, propuz que o campo fosse de prata por este metal representar riqueza.

As sovereiras representam o soverairal que tanto caracteriza Borba na vastidão imensa e agreste do Alentejo.

Sobre este parecer, recebi o seguinte officio:

— Camara Municipal do Concelho de Borba — n.º 97 — Em 21 de Maio de 1928. — Ao Ex.º Sr. Afonso de Dornellas — Lisboa. — Ex.º Sr. — Acuso a recepção das cartas de V. Ex.ª de 6 e 10 de Abril ultimo, bem como do parecer e desenhos sobre as Armas de Borba. Embora tardiamente, devido á grande aglomeração de serviços que os ultimos decretos publicados teem trazido aos Municipios, o que V. Ex.ª se dignará revelar-me, venho agradecer sumamente penhorado, a V. Ex.ª e á prestimosa Associação dos Archeologos Portuguezes, o consciencioso e bem elaborado trabalho sobre as Armas d'esta Villa. Digne-se V. Ex.ª aceitar com os meus respeitosos cum-



Bandeira de Cucujães com as cores indicadas heraldicamente

primentos os melhores votos de Saude e Fraternidade. O Presidente da Comissão Administrativa. (a) *Vicente d'Ascensão Carvalho Costa.*



CUCUJÃES

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas e approvedo em sessão de 30 de Novembro de 1927 da Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portugueses.

○ antigo e historico Couto de Cucujães que acaba de ser elevado á cathegoria de Villa pelo Decreto n.º 13.758 de 11 de Junho do corrente anno de 1927, publicado no *Diario do Governo*

Devido á gentileza de Sua Reverencia, possuo um exemplar d'esta obra na minha collecção de monographias.

Deseja o Illustre Abbade João Domingues Arêde que para a Villa de Cucujães se estudem as respectivas armas conforme a carta que passo a transcrever :

— Cucujães, 23 de Fevereiro de 1927. — Ex.^{mo} Sr. Affonso de Dornellas. — Pedindo desculpa, venho com muitos cumprimentos apresentar a V. Ex.^a a gravura inclusa do Brazão de Cucujães que *me parece* ter reconstituído, e que desejava (se pudér ser) ver auctorisado o seu uso official. Como V. Ex.^a é autoridade na materia, peço



Bandeira e armas da Villa de Cucujães

n.º 120 (1.^a serie), deseja ter o seu sello e portanto as suas armas e o seu estandarte.

O Abbade de Cucujães, Reverendo João Domingues Arêde, erudito estudioso, é auctor de uma esplendida monographia intitulada «*Cucujães e Mosteiro com o seu Couto nos tempos medievaes e modernos*», Famalicao, 1922, que minuciosamente descreve a antiquissima historia d'este Couto.

licença para expor o seguinte: Cucujães foi *Couto* e tambem *Concelho*, como consta a pag. 16 e 129 do «*Cucujães e Mosteiro com seu Couto*» de que remeto um exemplar a V. Ex.^a. A gravura representa o Brazão do Mosteiro Benedictino, de que esta terra de Cucujães era o seu Couto. Modifiquei-lhe algumas peças, adaptando-lhe a linha exterior do Escudo de Condado, para assim rememerar a acção de D. Affonso Henriques por ter sido este o instituidor do Couto. E fiz assim, preferindo estes elementos por serem adstrictos á verdade historica. Por isto: Rogo a V. Ex.^a o especial favor de apresentar o referido trabalho na Secção de Heraldica da Associação

dos Archeologos, de que V. Ex.^a faz parte, para que a douta Corporação resolva se sim ou não Cucujães tem direito ao Brazão. Cucujães, como pode ver no livro que remeto a V. Ex.^a, foi Couto e Concelho e, portanto, teve autonomia municipalista. Deus permita que o parecer da douta Corporação seja conforme com o meu desejo, pois, se for, pedirei á mesma um parecer fundamentado para poder dirigir uma petição ao Governo no sentido de auctorisar o uso official do Brazão. É grande favor que V. Ex.^a me dispensa, informar-me, a seu tempo, sobre o parecer que desejo, e que desde já agradeço. Espero que V. Ex.^a me perdoará esta minha ousadia. Com a maior consideração — De V. Ex.^a Mt.^a Att.^a Vnr. e C.^a Obgd.^a (a) João Domingues de Arêde — Abade de Cucujães. —

Por carta de Sua Reverencia de 24 de Junho, soube que Cucujães foi elevada a Villa, como acima digo.

Agora, para poder dizer o que me parece sobre as Armas de Cucujães, vou começar por transcrever o projecto que sobre ellas fez o Abbade João Domingues Arêde:

— BRAZÃO DE CUCUJÃES E SUA RESTAURAÇÃO — O conhecimento, que uma longa e paciente investigação da historia do Couto do Mosteiro de Cucujães, desde a sua origem, me ofereceu, sugeriu-me a ideia de restaurar o Brazão da sua passada autonomia para que elle seja — não na diplomatica concelhia, que lhe não pertence — mas, na documentação da actividade local, o emblema da sua continuidade historica.

Cucujães, outr'ora terra autónoma, é muito conhecida pelo seu antigo Mosteiro e Couto. O seu valor moral e politico desenvolveu-se principalmente em virtude do dotamento a favor do Mosteiro, em 1139 (anos de Christo). Daí o dominio temporal do Mosteiro, e a continuação do seu apostolado religioso pela consagração ao serviço de Deus, lealdade aos Imperantes Cristãos e defensão dos seus direitos a bem do seu Couto e dos seus Padroados.

Como Instituição autónoma, teve o Mosteiro o seu selo em branco e nelle gravado o Brazão de S. Bento, formado por uma Torre de prata encimada pelo Sol, tendo á direita um Leão rompente segurando um Báculo, divisa do Mosteiro, como Senhor *in solidum* dos respectivos Couto e Padroados. O referido selo validava e autenticava os documentos officiaes do Mosteiro.

Actualmente vê-se ainda o Brazão de S. Bento esculpido em alto relêvo na frontaria da Igreja sobre a porta principal, e outro identico se vê entalhado em madeira na Tribuna da Capela-mor, ao centro da sanefa que tem a forma de docel, e que é sustentado por dois serafins, testemunho eloquente e historico das mercês outorgadas a Cucujães pelos Imperantes Cristãos do Condado Portucalense e, a seguir, do Reino Lusitano.

Porem com o desfilir dos séculos toda a grandeza do Mosteiro declinou e decaiu, restando apenas modernamente o edificio do velho Cenobio (hoje convertido em Seminario das Missões Religiosas Ultramarinas) e o seu Brazão, simbolo eloquente do esplendor e glórias de Cucujães nos seculos passados.

Restaurar, pois, o Brazão do Mosteiro que, sem contestação, é o Brazão de Cucujães, é de inteira justiça, porque elle rememora os factos culminantes de Cucujães, cuja importancia e valor social, através dos séculos, se desenvolveu á sombra da Cruz.

Assim:

a) O Brazão tem a sua origem no Mosteiro fundado nesta terra de Cucujães por cavaleiros cristãos da Monarquia Asturio-Leoneza.

b) Nos tempos do Condado Portucalense o Príncipe D. Afonso Henriques formou da terra de Cucujães um Couto que doou ao Mosteiro por este se tornar digno da sua nobre confiança, como fôra dos imperantes seus avoengos.

c) O Mosteiro, como Instituição religiosa, que exercia jurisdição autónoma em Cucujães, que era do seu feudo, possuiu o selo monacal para as suas officializações diplomaticas.

Posto isto, seja-me permitido dar a explicação seguinte:

O Brazão de Cucujães, que assenta em campo branco, tem:

Uma Torre de prata em um monte verde escuro, como simbolo da antiga autonomia do Mosteiro, de que era detentor o D. Abade.

Um Leão rompente de ouro que representa o valor moral e politico do Senhor do Couto, e a fortaleza espirital dos Monges subordinados á dignidade do D. Abade do Mosteiro.

Um Báculo de ouro que simbolisa a auctoridade abacial na jurisdição do Couto, pelas normas da Justiça e do Amor.

Um Rio caudaloso de prata que mana da porta da Torre e simbolisa a abundancia em fructos benéficos e consoladores para a vida do Mosteiro e seu Couto.

Uma Corda Condal de ouro, guarnecida de pérolas e que encima uma Cruz de verde que assenta sobre o campo do Brazão, representando a soberania do Príncipe D. Afonso Henriques como Imperante Cristão do Condado Portucalense, quando da fundação do Couto, e autentica a antiguidade dos privilégios de Cucujães.

Este Brazão, que representa a pacifica e laboriosa terra de Cucujães, deverá resistir a todas as evoluções sociais e acompanhar tambem os filhos dela até ás idades mais remotas, despertando-lhes a sua Fé, o seu Amor e o seu Patriotismo! — Cucujães, Outubro de 1925.

— Abade João Domingues Arêde.

Heraldicamente não podem empregar-se as Armas Nacionais como Armas de uma Villa e ainda com a aggravante de lhe sobrepor peças.

As armas de D. Afonso Henriques constituem a origem das Armas Nacionais.

Nas Armas das Cidades e Villas, quando circunstancias muito especiaes se deem, pode incluir-se, em chefe ou em abysmo, o escudete das quinas ou, emfim, o escudo das armas de D. Afonso Henriques.

As Armas da Ordem de S. Bento, não podem tambem ser adoptadas por completo, porque pertencem á mesma Ordem, que ainda existe.

Quando uma Ordem Religiosa teve grande influencia na criação e desenvolvimento d'uma terra e se desejam adoptar para essa terra umas Armas, pode incluir-se como reconhecimento do facto, uma parte das Armas da Ordem Religiosa em questão.

E' perfeitamente accetavel o alvitro do Reverendo Abbade João Domingues Arêde, de que entrem na composição das Armas de Cucujães peças que recordem a influencia de D. Afonso Henriques e da Ordem de S. Bento, mas não na disposição apresentada.

A corôa que deve encimar as Armas de Cucujães é a que caracteriza as Villas em vez de uma corôa que só pode ser uzada por uma pessoa e não por uma povoação.

Emfim, a Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos não pode concordar com o projecto do Reverendo Abbade de Cucujães por não estar conforme com os principios estabelecidos.

Ao ver sobre a fundação do Couto de Cucujães, o celebre livro de historia «Benedictina Lusitania», Coimbra, 1651, da auctoria do sabio Lente de Prima da Universidade de Coimbra, Fr. Leão de Santo Thomaz, Monge de S. Bento, no Tomo 2.^o encontrei a pgs. 277, um ponto curioso, quando trata do Mosteiro de Cucujães e que passo a transcrever:

— D. Afonso Henriques encoutou este Mosteiro na era de Cesar 1177 a 7 de Julho que he anno de Christo 1139 & parece que

lhe fez esta mercê quando já hia a caminho com sua gente pera Alentejo a dar aquella batalha, a que chamamos de Ourique, pois do dia da data deste Couto a 17 dias achamos que os seus Portuguezes o aclamarão por Rey em vespera de S. Tiago antes de dar a batalha.

E' mais um elemento para os estudiosos da batalha de Ourique.

Bem, mas vamos a Cucujães.

Propomos para Armas da Villa de Cucujães o seguinte :

— *De negro com um leão de prata segurando nas mãos um bâculo de ouro. Em chefe o escudete d'armas de D. Affonso Henriques. Coroa Mural de quatro torres de prata.*

— *Bandeira branca, por a peça principal das Armas ser de prata. Por debaixo das Armas uma fita vermelha com os dizeres : «Villa de Cucujães» a negro.*

Indico a côr negra para o campo das Armas porque representa a terra de cuja riqueza vivem os habitantes de Cucujães.

E' da producção natural que Cucujães se mantem e

mesmo o negro em heraldica, representa firmeza, obediencia e honestidade.

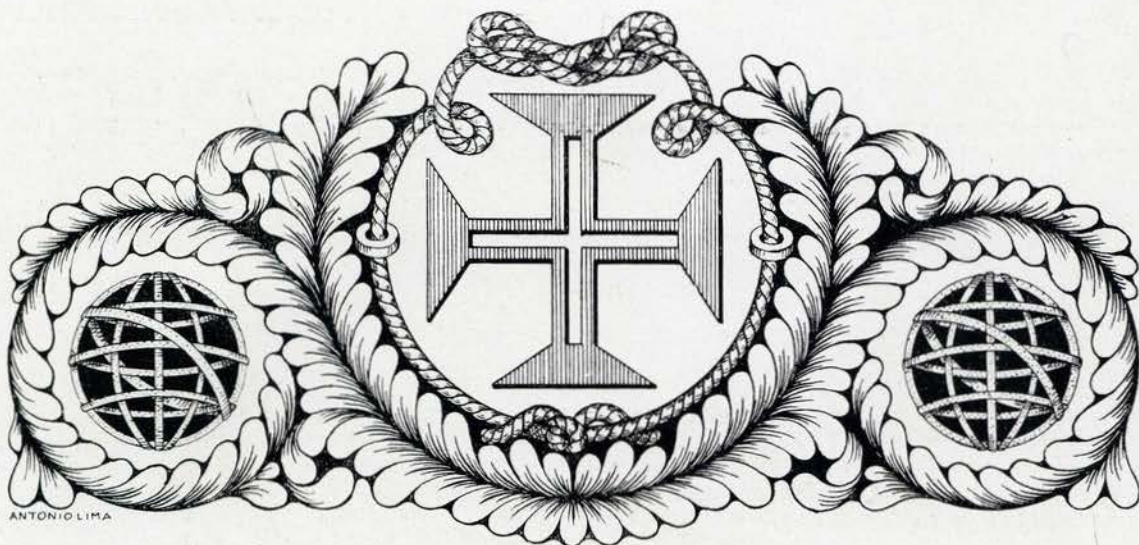
Proponho que o Leão que representa a Ordem de S. Bento, seja de prata porque este metal em heraldica representa a humildade e a riqueza, grandes qualidades que caracterizam a Ordem de S. Bento.

E assim, as Armas da Villa de Cucujães teem a historia da sua existencia desde a fundação do Convento de S. Bento ; a confirmação d'essa existencia pelo documento de D. Affonso Henriques, e até a representação da terra como riqueza natural.

As Armas de dominio não são sancionadas pelo poder central. Quando as povoações teem constituição municipal, são as respectivas Camaras Municipaes que adoptam armas proprias, baseadas na historia ou nas circunstancias de character local ; quando não teem constituição municipal são as Juntas de Freguezia ou emfim, as entidades locaes, que assumem as Armas respectivas.

Sobre este parecer recebi uma amavel carta do Reverendo Abbade João Domingos Arede, agradecendo o interesse tomado na organização do parecer.





HERALDICA DE CORPORAÇÃO

Bombeiros Voluntarios de Amarante

Estudo formulado por Affonso de Dornellas, segundo as bases aprovadas pela secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes em 23 de Julho de 1927.

DEPOIS de estudadas as armas, estandarte e sello de Amarante, manifestou a Associação dos Bombeiros Voluntarios locais o desejo de criar um emblema, para o que o Presidente da Ca-

venho respeitosamente solicitar de V. Ex.^a um parecer, sobre o assumpto que passo a expôr: A Associação dos Bombeiros Voluntarios de Amarante, deseja collocar nos capacêes e fardas um emblema, incluindo n'elle o Brazão da Villa — Como a Villa foi condecorada com a Torre Espada, não sei se será permitido usar as insignias



Sello dos Bombeiros Voluntarios de Amarante segundo este parecer

mara Municipal respectiva, sr. Dr. Arthur da Motta Alves me dirigiu a seguinte carta :

Amarante, 1 de Maio de 1927—Ex.^{mo} Sr. Affonso de Dornellas, muito da minha estima.—Com os meus affectuosos cumprimentos,



Medalha dos Bombeiros Voluntarios de Amarante segundo este parecer

circundando o Brazão da Villa, e por isso submeto á apreciação de V. Ex.^a os dois modelos juntos. — Agradecendo penhorado a douda opinião de V. Ex.^a — sou com elevada estima — de V. Ex.^a Mt.^o Att.^o Venr. e Obgd.^o (a) Arthur da Motta Alves.

Os desenhos que vinham juntos, constavam ambos de dois machados cruzados, tendo um d'elles as armas de Amarante cercadas pelo Collar da Torre Espada sobre o cruzamento dos machados e tudo isto encimado por um monograma composto das iniciaes B. V. A.. O outro desenho consistia nos referidos machados encimados pelas Armas de Amarante com coroa moral e

e assim, vamos responder para Amarante em conformidade com o que já fizemos para o Bombarral. (1)

As Corporações de Bombeiros deverão adoptar como emblema, uma Phenix arrancando d'uma chamma as armas da sua terra.

O esmalte para a Phenix dos Bombeiros Municipaes será sempre d'ouro; para os Bombeiros Voluntarios, se-



Estandarte dos Bombeiros Voluntarios de Amarante com as cores indicadas heralademicamente

Collar da Torre Espada. Por debaixo do cruzamento, um V. (voluntarios).

Este estudo tem sido demorado pelo facto de ter sido o assumpto observado cuidadosamente.

Para podermos aconselhar a todas as Corporações de Bombeiros o uzo de um emblema commum, nas suas linhas geraes, procurámos por entre todas as formas possiveis e imaginaveis obter um que nos satisfizesse

guir-se-ha, pela ordem de antiguidade, a classificação heralдика dos esmaltes, isto é: prata, vermelho, azul, verde, negro e púrpura.

Como em Amarante julgo que apenas existe uma Corporação de Voluntarios, deverão estes uzar a Phenix de prata.

(1) Veja paginas 188 a 190 d'este volume.

Como as Corporações de Bombeiros Voluntarios são auxiliares das Municipaes e funcionam sob a fiscalização e inspecção dos Municipios, devem os estandartes ser das cores e disposição do estandarte Municipal.

A bandeira de Amarante é esquartelada de verde e branco; portanto deverá o estandarte dos Bombeiros ter as mesmas cores, se a Camara Municipal o permittir.

Vejamos pois como deverá ficar organizado o emblema a empregar nos capacetes e uniformes, no estandarte, nas medalhas, no sello, etc.:

— *Uma Phenix de prata estendida, segurando sobre o peito as Armas de Amarante, elevando-se d'uma fogueira de negro e vermelho, subindo as labaredas enrolvidas em fumo de prata, formando um circulo que se confunda com a cabeça da Phenix. No circulo formado pelas labaredas, os dizeres a preto: «Bombeiros Voluntarios de Amarante».*

Bandeira esquartelada de verde e de branco com um metro por lado. Cordões e borlas de verde e de prata.

Caso a mesma Instituição venha a crear uma medalha para premiar os serviços do seu pessoal activo ou dos seus protectores, deverá esta ter as cores dos esmaltes que se veem na phenix do estandarte, suspensa de fita, tendo ao centro uma tira de 5 millímetros de branco que corresponda á prata da Phenix. De cada lado d'esta tira, devem os espaços ser divididos em partes eguaes de verde e branco, ficando esta ultima cor pela parte de fóra, por serem estas as cores de Amarante.

O Collar da Torre Espada apenas deve ser uzado pela Camara Municipal, visto que foi ella a agraciada. As corporações que pela sua situação dentro da area dos Municipios, são merecedoras de uzar as armas que caracterizam o Municipio respectivo, devem apenas uzar estas Armas e não as condecorações concedidas ao Municipio.

Se, pelos serviços prestados, a Corporação de Bombeiros tiver sido agraciada com qualquer ordem, deverá o collar d'essa ordem rodear o pescoço da Phenix.



As Tapeçarias de D. João de Castro

«.....
 «o que os Governadores desde começo da
 «Índia até agora não fizeram, parecendo-lhe
 «vergonha fazerem honra a seus feytos,
 «que os auilão por nenhuns e de nenhum
 «merecimento, sendo elles nomeados por
 «tão famosos como os contam por todo o
 «mundo».

GASPAR CORREA — *Lendas da Índia*

AS tapeçarias relativas a factos notáveis da história portuguesa, tecidas na época aurea das nossas conquistas e descobertas, ou seja dos meados do século XV ao penultimo quartel do século XVI, que encontramos mencionadas, até hoje, são as seguintes:

As tapeçarias de D. Affonso V, mandadas tecer por este rei para comemorar as suas victorias em África.

As tapeçarias que D. Manuel mandou tecer (ou tencionou fazer) relativas á descoberta da Índia e aos feitos dos primeiros Governadores.

Diversas «séries» tecidas em Tournai e Bruxellas «à *manière de Calécout*» ou «*des Indes*».

As tapeçarias das faianças dos Gamas.

As da conquista de Tunes.

As tapeçarias do Condestabre Nuno Alvares.

As tapeçarias de D. João de Castro. (1)

O destino d'essas tapeçarias, em parte, é conhecido; as de D. Affonso V existem hoje em Pastrana, para onde foram em 1667 por doação da familia do Duque do Infantado, descendente do 2.º Marquez de Santilana, a quem tinham sido dadas pelo Rei português em 1477.

As da descoberta da Índia, se foram tecidas todas, do que duvido, conforme a nota que nos deixou Antonio Carneiro, secretario de D. Manuel, apparecem em 1543 no Paço da Ribeira e em 1571 no da Alcaçova; Manuel de Faria e Sousa, em 1666 fala nelas, embora vagamente. (2) Não se encontram mencionadas depois d'essa data.

Existem ainda em França, (3) na colecção do Marquez de Dreux-Brezé, tres panos relativos á descoberta

da Índia, tecidos em Tournai no começo do século XVI. São porém de uma inverosimilhança que chega á fantasia. Em Stokholmo (4) e em Londres, (5) existem panos ou réplicas d'essas séries.

As tapeçarias dos Gamas, se não erão alguns dos panos ou réplicas das séries anteriores, tratavam talvez do descobridor do caminho maritimo para a Índia, ou seriam alusivas aos feitos de D. Cristovão da Gama. Só se encontra menção delas no testamento do padre André Coutinho, lavrado na Vidigueira em 21 de Março de 1595.

Este padre, que faleceu em 17 de Fevereiro de 1597, deixou ao seu testamenteiro e amigo D. Miguel da Gama, neto de D. Vasco, varias joias e uns «panos de raz» representando as faianças dos Gamas. D. Miguel que não teve descendencia legou parte dos seus avultados bens ao sobrinho D. Francisco. E' possivel que as tapeçarias andassem muito tempo na casa dos Condes da Vidigueira e Marquezes de Niza e que tivessem, com as vicissitudes dessas grandes casas, um destino obscuro. Não ha porém, que eu conheça, mais noticias da sua sorte.

As da tomada de Tunes, que interessam á historia de Portugal, por n'ellas estarem representados o Infante D. Luiz, filho de D. Manuel, o galeão S. Matheus e as caravelas empavezadas com os estandartes das esferas e das quinas, encontram-se a bom recato no Palacio Real de Madrid. (6)

A série que existia em Portugal, e que pertencera á irmã de D. Luiz, a Infanta D. Maria, apparece mencionada em 1630, 1662, 1670 e ainda no século XVIII, servindo na decoração da capela real no reinado de D. João V. Depois extraviou-se...

Quanto ás tapeçarias da historia do Condestabre, que tantas vezes ornamentaram os palacios de Villa Vi-

(1) Outra notavel tapeçaria relativa a Portugal, mas que entendo não dever entrar na categoria d'esta relação, é a que foi tecida em Bruxellas, em 1512, por Pieter van Aelst, com as genealogias dos reis de Portugal e cujos debuxos para os cartões parece terem sido mandados de Lisboa. A esta tapeçaria, que pertenceu ao imperador Maximiliano, oportunamente me referirei.

(2) MANUEL DE FARIA E SOUSA — *Asia Portuguesa*. Tomo I — Parte I — Cap. VIII — pag. 75. (Edição de 1703.)

(3) LOUIS DE FARCY — *Tapisserie Tournaisienne*. Bruges, 1911.

(4) JOHN BÖTTIGER — *En Vasco da Gama Tapet I National museum*. Stockholm, 1921.

(5) A. F. KENDRICK — *Victoria and Albert Museum. Catalogue of Tapestries*. London, 1914, pag. 38.

(6) Da tapeçaria de Tunes, existe uma réplica em formato mais pequeno, e, em Viena uma série tecida em Bruxellas em 1712 por Josse de Vos, sobre os cartões originaes de Vermeyn.

çosa e da Ribeira, foram mandadas de presente ao Imperador da China em 1725, por D. João V, sendo portadores d'ellas, e conjuntamente de outras offeras régias, os embaixadores Dr. Alexandre Metelo e o Padre José de Magalhães.

E as tapeçarias de D. João de Castro?

Descriptas summariamente em 1883 no inventario das collecções imperiaes da Corôa da Austria ⁽¹⁾, onde Eugène Muntz copiou a marca indecifrável, á qual adiante me refiro, reproduzindo-a no apêndice do seu livro sobre tapeçarias ⁽²⁾, foram citadas, em Portugal, ha 22 annos por Augusto de Castro e pelo falecido Dr. Tabor da Magalhães. ⁽³⁾

Encontrei-as ha poucos mezes nos depositos do antigo «Hofburg» de Viena, juntas com a preciosa collecção de mais de 1.000 pannos, que constitue um dos nucleos mais importantes de tapeçarias existentes no mundo, espolio valiosissimo dos antigos palacios imperiaes dos Habsburgs, hoje incorporado no «Kunsthistorisches Museum». ⁽⁴⁾

As tapeçarias de D. João de Castro são até hoje, conjuntamente com a notabilissima série que D. Afonso V mandou tecer, as unicas que ainda existem referentes a feitos e factos concretos da gloriosa historia portugueza.

Mandadas tecer para comemorar as extraordinarias façanhas do Vice-Rei D. João de Castro, representam para nós portuguezes um padrão de gloria e de orgulho digno de ser conhecido de todos e de se juntar ás venerandas e historicas reliquias, já tão poucas, d'esse passado de aventurosas conquistas, onde ao sol doirado do Oriente o predomínio portuguez attingiu, justamente durante o governo de D. João de Castro, o seu apogeu.

O vulto gigantesco d'esse homem virtuoso e firme, cuja severidade escondia a bondade, que foi D. João de Castro, aparece-nos descripto nas tapeçarias tal qual a frase da rainha D. Catharina, ao ter conhecimento do seu triumpho: — «venceu como um christão triumphou como um gentio.»

Mas o triumpho que D. João de Castro teve em Goa, que aceitou, se não exigiu ⁽⁵⁾, tão longe do seu character

austero cheio de humildade christã, ou do seu feito estoico de philosopho e de sabio do renascimento, era na verdade necessario para deslumbrar o sentimento oriental e para fortalecer n'uma demonstração de apoteose o poder dos conquistadores do Occidente.

Ali sob o palio, coroado de louros, no triumpho «ao romão», como diz o chronista, não vai D. João de Castro, o lidimo fidalgo portuguez; vai o Governador da India, vai o representante do Rei de Portugal.

Como mais abaixo se verá, a historia com a sua documentação rigorosa coadunando-se nos textos com a representação desenvolvida nas tapeçarias, que desce aos mais minuciosos pormenores, deixa-nos assim identificado, o mais completo documento que pode «illustrar» a prosa de Gaspar Correa, de Diogo do Couto ou de Jacinto Freire de Andrade.

Raramente, n'essa época, a representação de um facto notavel, reproduzido n'um quadro ou n'uma tapeçaria estaria mais cingido á verdade historica do que aquelle, tecido na sequencia dos quatro panos do triumpho. Lendo a descripção da entrada triumphal de D. João de Castro, nas *Lendas da India*, nas *Decadas* ou mesmo no panegirista Freire de Andrade, e olhando as tapeçarias, dir-se-ia que o inspirador dos cartões fôra um dos proprios historiadores.

*
* *
*

Os panos que constituem a série alusiva ás façanhas de D. João de Castro, são dez. Tecidos em Bruxellas na segunda metade do século XVI, ou mais precisamente cerca de 1555 ⁽¹⁾, teem na orla inferior a marca da cidade (Brabante-Bruxellas), em dez variantes e uma outra, totalmente desconhecida.

B ♥ B

✠

Se não fossem as disposições dos rigorosos regulamentos do Conselho de Brabante, e dos éditos imperiaes de 1528 e 1544, que obrigavam, sob pena de pesadissimas multas e castigos, os tapeceiros a tecerem nas orlas dos panos a marca da cidade e a sigla pessoal, diria que os preciosos panos de Viena haviam sido tecidos no atelier de Guilherme de Pannemæker; é porém possivel que a marca desconhecida, que não pode ser de Pannemæker, fosse a de um tapeceiro que trabalhasse para o celebre artista, facto assaz commun n'essa época, em que os mestres tapeceiros de maior nomeada, não podendo com o pessoal especial do seu atelier satisfazer as inumeras e repetidas encomendas

⁽¹⁾ ERNST VON BIRK — : *Inventar der in Besitz des Allerhöchsten Kaiserhauses befindlichen niederländer Tapeten und Gobelins*. Wien, 1883.

⁽²⁾ EUGÈNE MUNTZ — : *La Tapisserie*. Paris, 1885.

⁽³⁾ *Illustração Portugueza* — 17 Setembro 1906. *O Seculo* — 23 Setembro 1906.

⁽⁴⁾ O Director principal do *Kunsthistorisches Museum*, Prof. Dr. HERMANN e o Dr. ERNST KRIS, conservador da Secção de Artes decorativas, que por vezes me acompanharam em Vienna, proporcionaram-me todas as facilidades para o minucioso exame e estudo das tapeçarias, pondo á minha disposição todos os elementos, infelizmente escassos, que possui o Museu relativos ás tapeçarias de D. João de Castro.

⁽⁵⁾ ... e a sexta feyra, vinte e dous do mês, o Governador veo á cidade, que lhe fez o recebimento per esta maneira ordenado pelo mesmo Governador, que mandou que assy fosse.

G. CORREA — *Lendas da India* — pag. 588.

⁽¹⁾ Opinião do meu amigo Prof. Dr. HEINRICH GÖBEL, auctor da obra *Wandteppich* — 2 vol. Leipzig 1927-28. na qual pela primeira vez, no estrangeiro, se escreve sobre as antigas fabricas de tapeçarias portuguezas.

dos seus clientes, recorriam, por assim dizer, á industria privada. ⁽¹⁾

Excluida essa procedencia de origem do fabrico e no dominio fantasioso de uma hipotese arrojada, aventaria a ideia de a marca indecifrável ser um distinctivo de agrupamento de série, representando a roda de S.^{ta}

ouro e prata, n'aquelle tom amarelo-esverdeado de uma certa monotonia, aplicado indistinctamente a todos os assuntos, tão peculiar ás tapeçarias de Bruxellas, e que o tempo mais acentua. Contudo nos quatro panos do triunfo as côres estão bem indicadas.

As cercaduras, ao gosto da época, compostas de festões

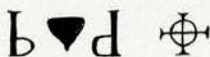


I — Cérco de Diu — D. João de Castro saindo do castelo para atacar as estancias inimigas; assalto aos muros da cidade mandados levantar por Coge-Sofar frente ás fortificações portuguezas. Na manhã cedo do dia 11 de Novembro de 1546. — Altura 3,m45. Largura 5,m30.

N'um rótulo da cercadura superior a seguinte inscrição:

HEC EST VICTORIA DNI IOANIS DE CASTRO 13 INDIE
GOVERNATORIS QVA REGIS PORTUGALIE NOIE DEI OPE CONTRA
VRBE E POVO DE GOA VICTIS CABAIE CAPITANIS OBTINUIT ACT.
1538

Na orla inferior a marca



(n.º 94 do inventário de Viena)

Catarina (vid. n.º VII) tão ligada aos Castros, ou a Cruz de Cristo n'um rudimento de esfera armilar. (vid. n.º I)

* * *

N'um estado de conservação perfeito, de uma riqueza extraordinária de materia prima, são tecidas em lã, seda,

⁽¹⁾ Com uma marca anonima semelhante existe em Viena uma série da «Historia de Abrahão» e em Madrid, no Palacio Real, um pano da «Adoração dos Reis Magos» em que muitos pormenores da indumentaria oriental e figuras do ultimo plano se assemelham aos da série de D. João de Castro.

de flores, com fructos, diversos animaes, medalhões com figuras e pequenos «amores», mostram contudo a particularidade de nos medalhões estarem representadas as figuras mitologicas de Jupiter, Neptuno, Marte, Diana, Minerva e Europa, e de as pequenas figuras de «amores» sustentando palmas e laços, se apoiarem sobre esferas armilares.

As legendas, em rótulos, na parte superior de tres dos panos escriptas em mau latim misturado com palavras portuguezas, não são historicamente certas, principalmente n'um dos panos, como adiante explicarei, e as datas estão erradas. A data repetida tres vezes, de 1538, devia ser a dos miléssimos 1546 e 1547.

A' parte uma certa fantasia, bem comprehensivel, nos trajes asiaticos, sobretudo nos dos primeiros planos, a figuração geral das personagens das tapeçarias é extremamente cuidada.

Nos quatro panos do triumpho, em que apparecem muitos portuguezes, a indumentaria, a armaria e os accessorios são rigorosos.

Os soldados e fidalgos portuguezes teem todos barba, e n'alguns abundante, signal caracteristico dos usos e costumes não só da época, como da India, onde os portuguezes com rarissimas excepções uzavam a «barba toda».

As espadas, os piques, os punhaes, guiões, tambores e anafis, pifaros, charamelas e trombetas são os uzados em Portugal e na India, assim como as couraças de laminas, as coutras pregueadas, os cassioletes ligeiros, os morriões trabalhados, as espingardas e os arcabuzes.

Se entre as tão differentes armas se encontram espadas de duas mãos, na forma das longas espadas ondeadas dos «lansquenets», pouco empregadas em Portugal pelos portuguezes, e muito menos na India, onde a tactica militar podia difficilmente admitir o manejo d'essas espadas compridas, que necessitavam uma esgrima especial e assaz passiva (1) que não se ajustava com o caracter impetuoso e rapido das luctas então em regra contra os indigenas, presumo que os soldados que as levão, e são sómente dois, não fossem portuguezes. A' frente dos bombardeiros, que eram n'essa época, na sua maioria, tudescos ou flamengos vae um homem de estatura avantajada com todas as caracteristicas nórdicas.

A outros pormenores me referirei oportunamente.

O agrupamento e descripção dos panos segundo o inventario das antigas collecções imperiaes de Viena (2), é o seguinte :

«Vida e acções de João de Castro, vice-rei da India portuguesa (falecido em Goa a 6 de Junho de 1548 na idade de 48 annos).

«Em dez panos com a marca do fabrico de Bruxellas e monogramma do tapeceiro — Seculo XVI.

1.º — Alt. 3,30. Larg. 3,85. — Desembarque das tropas dos navios portuguezes. João de Castro vem oferecer a uma dama sentada junto de seu Paé (?) um ramo de laranjeira, amendoeira etc. As armas dos Castros, em campo de prata seis bolas (arruelas) sobrepostas tres a tres, estão n'um escudo á direita.

2.º — Alt. 3,30. Larg. 3,35. — João de Castro, com um arcabuz ao hombro, acompanha um par ricamente vestido, deante do qual vae fugindo um indio. No segundo plano guerreiros rodeando mezas comem e bebem.

3.º — Alt. 3,35. Larg. 4,70. — No meio de uma paisagem está João de Castro, armado com uma comprida seta e um escudo. A'

direita estão sentadas mulheres, no fundo vê-se uma escaramuça emquanto arde um castello.

4.º — Alt. 3,35. Larg. 5,30. — A' esquerda fogem os cavaleiros do rei de Cambaia, no fundo vê-se a cidade de Goa.

Tem a seguinte inscripção: (1)

5.º — Alt. 3,55. Larg. 4,65. — Tem a seguinte inscripção:

6.º — Alt. 3,50. Larg. 3,90. — Chegada da esquadra portuguesa á costa dos dominios do senhor Dodalquanio. Fuga do principe com sua mulher e filho e de seus vassallos, para o interior das terras.

7.º — Alt. 3,55. Larg. 3,94. — Passagem do triumpho de João de Castro atravez a rua principal da cidade de Goa.

O cortejo caminha da esquerda para a direita. A' frente elefantex puxam catapultas com pedras.

Os portuguezes dançando, com espadas e pandeiros, acompanham o cortejo.

8.º — Alt. 3,37. Larg. 3,27. — Continuação da passagem do triumpho. Artellaria e carros com munições, etc.

9.º — Alt. 3,38. Larg. 4,60. — Continuação da passagem do triumpho, etc.

Tem a seguinte inscripção: (2)

10.º — Alt. 3,38. Larg. 5,30. — O final da passagem. João de Castro á direita do Vice-Rei D. Garcia de Noronha caminha debaixo de um baldaquino, (palio). A' esquerda a fachada da cathedral de Goa, e n'um canto sobre uma columna um leão sustenta o escudo das armas dos Castros. Sobre a porta da entrada da cathedral está um letreiro com a seguinte inscripção: (3)

Estas tapeçarias, que pertencem ás mais valiosas da collecção imperial teem ainda uma significação extremamente historica, pois os biographos d'este grande homem, como J. Freire de Andrade e outros, não mencionam nenhuma das scenas que descrevemos. (4)

Actualmente o inventario, descripção e numeração das tapeçarias no «Kunsthistorisches Museum.» (5) é este :

N.ºs 91 a 100 — Acções do vice-rei João de Castro na India portuguesa no anno de 1538.

Tapeçarias valiosas fabricadas em Bruxellas no meado do seculo XVI, empregando grande quantidade de fio metalico,

Todas as tapeçarias possuem a marca de Bruxellas, e uma marca desconhecida (indescifavel) do tapeceiro.

Toda a serie tem ricas cercaduras de flores com poucas variantes que conteem medalhões com figuras antigas e amores brincando.

91 — (1.º) Chegada da esquadra portuguesa.

92 — (2.º) Desfile das tropas portuguesas.

93 — (3.º) Alegoria a João de Castro.

94 — (4.º) A victoria junto a Goa sobre o Rei de Cambaia.

95 — (5.º) Entrada de João de Castro.

96 — (6.º) Fugida dos indigenas.

97 — (7.º) Cortejo triumphal de João de Castro, atravez as ruas de Goa.

98 — (8.º) Continuação do cortejo triumphal.

99 — (9.º) Idem.

100 — (10.º) Final do cortejo triumphal.

As medições são as mesmas (6) do inventario antecedente, assim como a redacção das inscripções.

Evidentemente para nós portuguezes estes agrupamentos e descripções não podem ser admitidos por-

(1) As inscripções e as marcas são reproduzidas mais adeante.

(2) Ibid.

(3) Ibid.

(4) Traduzido literalmente do alemão.

(5) Revisto pelo Prof. DR. BALDASS, conservador do Museu.

(6) No panno n.º 92 (2º do Inv.º de 1883), a medição foi rectificada — 3,50 x 3,35.

(1) Segundo o DR. AUGUST GROSZ, director da Waffensammlung (Armario) de Viena.

(2) *Jahrbuch der Kunsthistorischen Sammlungen des allerhöchsten Kaiserhauses*, 1 vol., pag. 233 e 284.

quanto não correspondem á verdade historica, severamente estabelecida, e á logica natural dos factos.

O não conhecimento das crónicas portuguezas, a alteração de uma das legendas e das datas, levaram sem duvida von Birk e depois Baldass a equivocarem-se descrevendo as tapeçarias sob uma forma que vai de encontro ao que está historicamente estabelecido.

Como se vê, o inventario de 1883, é pouco menos que fantastico; induzido pelas faltas apontadas, embora desculpaveis a um estrangeiro, von Birk, chega porem

mais acertado, salvo ultteriores e possiveis identificações, seria o que se segue:

I—Cêrco de Diu. D. João de Castro saindo do castelo para atacar as estancias inimigas e os muros da cidade mandados levantar por Coge-Sofar frente às fortificações portuguezas. Na manhã cedo do dia 11 de Novembro de 1546. — (n.º 94 do Inv. de Viena).



II—D. João de Castro entrando triunfalmente em Goa, pela porta de Santa Catarina sob o pálio levado pelos vereadores da Cidade no dia 22 de Abril de 1547. — Altura 3,m48. Largura 5,m30. — A' esquerda sobre a porta a seguinte inscrição:

BEMAVENTURADO IMORTAL
TREVIMFO POR A LEI E POR
EL REI E POR A GREI.

Na orla inferior a marca



(n.º 100 do inventário de Viena)

a cometer um erro historico imperdoavel: o recebimento de D. João de Castro, na catedral de Goa, pelo vice-rei D. Garcia de Noronha. E cita J. Freire de Andrade dizendo que este não menciona nenhum dos factos reproduzidos nas tapeçarias.

O inventario actual do Museu Historico de Viena, muito mais sobrio, serve-se do agrupamento primitivo, mas limita as descripções, que continuam erradas.

O agrupamento que proponho, e que me parece

II—D. João de Castro entrando triunfalmente em Goa, sob o pálio levado pelos vereadores da cidade. Na manhã de sexta-feira 22 de Abril de 1547. (¹) — (n.º 100 do Inv. de Viena).

(¹) Divergem os cronistas na data do triunfo. A opinião de D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ, commentando uma edição de J. FREIRE DE ANDRADE, inclinava-se para o dia de 22 de Abril. Ainda não fôra publicado o mss. de GASPAR CORREA, que confirma essa data.

III — Cortejo triunfal: prisioneiros, carros com despojos bélicos, almadias, soldados e homens do mar. — (n.º 99 do Inv. de Viena).

IV — Cortejo triunfal: carros com balas de algodão e escadas, tiros encarretados e carros com pelouros, espingardeiros e soldados portugueses. — (n.º 98 do Inv. de Viena).

V — Cortejo triunfal: bombardeiros, festas, folias e danças. Gigantes, mōnos e diabretes. Dois trabucos. A artilharia e morteiros fōra do eirado disparando com doces e fartens. (n.º 97 de Inv. de Viena).

VI — Campanha (1.ª) contra o Hidalcão; D. João de Castro, e seu filho D. Alvaro com os portugueses atacam os mouros junto do castello de Pondá, que é incendiado. — (n.º 93 ao Inv. de Viena).

VII — A esquadra portuguesa comandada por D. João de Castro surgindo de frente de Dabul. — (n.º 96 do Inv. de Viena).

VIII — Campanha (2.ª) contra o Hidalcão; D. João de Castro e os portugueses atacando o acampamento inimigo perto de Salsete na véspera do dia de S. Thomé (20 de Dezembro de 1547). — (n.º 91 do Inv. de Viena).

IX — D. João de Castro na campanha (2.ª) contra Hidalcão: passagem da ribeira, incendio do castello de Margão e descanso no acampamento. Em 21 de Dezembro de 1547. — (n.º 92 do Inv. de Viena).

X — Regresso de D. João de Castro a Goa com as suas tropas depois de ter vencido os cinco capitães do Hidalcão. — (n.º 95 do Inv. de Viena).

As legendas são estas:

A) No pano I (n.º 94 de Viena):

HIC EST VICTORIA DÑI IOĀNIS DE CASTRO 13 INDIE
GVBERNATORIS QVĀ REGIS PORTIGALIE NŌIE DEI OPE CONTRA
VRBE EPOVO DE GOA VICTIS REGIS CĀBAIE CAPITANIS OBTIVIT ACT
1538

B) No pano III (n.º 99 de Viena).

HIC EST ILLVSTRIS DÑI IOĀNIS DE CASTRO INDIE PARTIS GVBERNATORIS
13 DE EPOVO DE GOA CIVITATE TRIVPHVS SVBSTRATIS REGIS CĀBAIE
SEXAGINTA MILIBVS CV QVIBVS DĀ NOBILIBVS ACTV 1538

C) no pano X (n.º 95 de Viena).

HIC EST RECESSVS (1) DÑI IOĀNIS DE CASTRO 13
PARTIS INDIE HVBERNATORIS IN QVO QVINQE CA
PITANEOS DÑI DODALQVANO SVBSTRAVIT ACTVM
1538

Segundo o ilustre latinista Doutor José Maria Rodrigues, as interpretações das tres legendas são, respectivamente, as seguintes:

A) Esta é a victoria que D. João de Castro, 13.º Governador da Índia, em nome do rei de Portugal e com o auxilio de Deus, obteve contra a cidade e povo de Goa, obteve vencidos os Capitães do Rei de Cambaia. Feito em 1538.

B) Este é o triunfo do ilustre D. João de Castro, 13.º Governador da parte da Índia, (2) sobre o povo da cidade de Goa, desbaratados 60.000 soldados do rei de Cambaia com alguns nobres. Feito em 1538.

C) Este é o regresso de João de Castro, 13.º Governador da parte da Índia, (3) no qual desbaratou cinco capitães do Senhor de Dodalcão (Hidalcão). Feito em 1538.

*
* *

O pano I conforme a minha classificação, representa o assalto aos muros e trincheiras inimigas saindo as tropas portuguesas, pela porta e ponte do Castelo de Diu. É o ponto culminante do celebre e tragico segundo cerco de Diu, sustentando pela indomável bravura do seu capitão D. João de Mascarenhas, e em que a acção rápida e impetuosa do Governador D. João de Castro, na manhã de 11 de Novembro de 1546, pôz termo decisivo.

Este pano tem a legenda errada (A) e por isso foi classificado em Viena, como «victoria junto a Goa sobre o rei de Cambaia». Nunca o rei de Cambaia, chegou às portas de Goa! O tapeceiro transcrevendo no tear, o rótulo indicado no cartão deve-se ter enganado — onde está «contra urbe e povo de Goa», deveria estar mesmo em latim mesclado de portugueses, — «contra urbe e povo de Diu».

Analisando a acção representada na tapeçaria e confrontando-a com os textos, observam-se todas as fases do combate e assalto dos portugueses às muralhas e estancias da cidade, fronteira ao castello, ocupada pelos inumeros soldados de Coge-Sofar.

Mas, ainda assim, seria Diu que o cartão original queria representar?

(1) Deveria ser — «successus» — J. M. R.

(2) Dizia-se em portuguez: das partes da Índia — J. M. R.

(3) It.

O castelo onde tremula a bandeira de Cristo é bem aquele descrito e debuxado por Gaspar Correa; o muro sinuoso ao longo da cava está bem indicado, assim como a disposição da igreja e da porta e ponte do Castelo. (1) Visto do lado do mar, conserva a estrutura que apesar dos séculos e das vicissitudes do domínio portugueses, ainda hoje se pode observar. (2)

Castelo e cidade de Diu, que o acompanha, a semelhança é manifesta. (1)

E' manhã clara do dia de S. Martinho. D. João de Castro ordenadas as suas tropas para a saída do castelo, manda avançar a fustalha de Nicolau Gonçalves para simular um desembarque no lado oposto ao ataque projectado e atrair ali o grosso das tropas de Cambaia.



III—O Cortejo triunfal atravessando as ruas de Goa: prisioneiros, carros com despojos bélicos, almadias enramadas, soldados e homens do mar—Altura 3,m48. Largura 4,m60
N'um rótulo da cercadura superior a seguinte inscrição:

HIC. EST. ITLVSTRIS. DÑI. IOÑNIS. DE. CASTRO. INDIE. PARTIS. GVBERNATORIS.
13. DE. E. POVO. DE. GOA. CIVITATE. TRIVPHVS. SUBSTRATIS. REGIS. CABAIE.
SEXAGINTA. MILIBVS. MILITIBVS. CV. QUIBISDÄ. NOBILIBVS. ACTV. 1538

Na orla inferior a marca:



(n.º 99 do Inventário de Viana)

Se consultarmos a propria obra de D. João de Castro, o roteiro de Goa a Diu, e o desenho ou tábua do

Na tapeçaria veem-se as fustas e bateis cheios de armas e de bandeiras, e no tendal da fusta do Gover-

(1) *Lendas da India*. Tomo III. Part. II, pag. 625. Tomo IV pag. 467 e 481.

(2) Almirante PEREIRA NUNES — *Historia de Diu*. Nova Goa, 1907.
It. — *Diu (excerptos para sua historia)* in TASSI-YANG-KUO — Lisboa, 1900.

() *Primeiro roteiro da Costa da India; desde Goa até Diu narrando a viagem que fez o vice rei D. Garcia de Noronha em socorro d'esta ultima cidade — 1538-1539 — por Dom João de Castro, Governador e Vice Rei, que depois foi da India*. Publicado por Diogo Köpke. Porto, 1843.

nador a sua bandeira real que era grande «*á maneira de bandeira de coya de tafetá verde e vermelho em barras, e n'ela a cruz de S. Jorge vermelha, aberta em branco*». (1)

Os portugueses vão saindo pela porta do castelo, atravessando a ponte levando escadas para o assalto aos muros inimigos, e suas bandeiras e guiões; muitos já cahiram feridos ou mortos pela artilharia dos rumes assente no bastião frente á ponte. (2) Nas trincheiras da cidade, desdobram-se bandeiras e pendões verdes ou amarelos com estrelas e crescentes prateados.

A' esquerda n'um acampamento, muitos soldados inimigos aprestam-se para a defeza das trincheiras enquanto outros fogem acompanhados pelos habitantes da cidade, que salvam os seus haveres.

No primeiro plano um cavaleiro, em rico traje oriental, empunhando uma seta, foge ligeiro ao passo que outras personagens, a pé, ou montando camellos carregados com bagagem retiram pelo lado oposto. Acompanha a fuga, uma avestruz caminhando gravemente.

Ouçamos porem os crónistas.

Diz Gaspar Correa : (3)

E sendo chegada a boa hora, no terramoto d'artilharia, per mandado do Governador logo sayo dom João Mascarenhas com muyta fúria de toda a gente, com seu guião diante, e com elle na dianteira muytos caualleros e nobres fidalgos, com muyto coração, por ganharem tanta honra como se esperaua do feyto; em que hia dom Manuel de Lima, dom Manuel da Silveira, dom João Manuel, Jorge de Sousa, Pero d'Atayde Inferno, dom Jorge de Meneses, dom Duarte de Lima, Gregorio de Vascogoncellos, Manuel Paçanha, Jorge de Sousa Diabo, Francisco d'Azevedo, Luiz de Mello de Mendonça, Christouão de Crasto, e outros muytos homens de sorte, que se nom podem tantos nomear. O capitão sayo pela porta, e foy pola ponte, com muytos espingardeiros diante, e homens com escadas largas feytas pola altura das paredes. Vendo os mouros sayr os nossos da fortaleza nem por isso cuidarão que ally era o Governador, e nom derão fogo aos tiros, que na ponte tinham apontados, até que a ponte foy chea de gente, por fazerem millhor emprego; e vendo que n'ella estauão já mais de seiscentos homens derão fogo nos tiros, onde logo Nosso Senhor mostrou aos nossos seu grande millagre e aos mouros seu mal, porque pondo o fogo n'elles muytas vezes, nunca prendeo o fogo, sómente huns tiros pequenos, com que tudo errarão, que um só homem matou 'artilharia e ferio outros tres. Do qual morto os pedaços cayrão ante a gente, que causou grande espanto e medo, pelo temor que leuauão d'estes tiros que estauão assy apontados. No que fizerão detença e algum retraymento atrás, que se a ponte nom estiuera citha e ouuera lugar muytos voltarão; e nom andauão áuante; que se acertára de vir outro tiro que acertára na gente, que fizera mais mal, sem duvida que nos nossos ouuera grande desbarato. O que sentindo o capitão, e os bons fidalgos que erão diante, logo andarão áuante muy rijamente, enuocando Santiago, Santiago, Nossa Senhora

seja comnosco! Com que a gente logo tornou a cobrar esforço, e forão áuante, nom muyto apressados, porque a cousa era muy duvidosa; mas sayndo da ponte derão lugar á gente, que toda sayo fóra, que era cousa fremosa de ver. Com que o capitão, e os fidalgos após elle, remeterão correndo rijamente; e o que assy fez toda a gente com grande grita, cada hum chamando por Nossa Senhora, que logo forão juntos nas paredes, por se mais saluarem da muyta frecha e espingardaria dos mouros, e bombas de fogo que corrião polo campo. Como os nossos assy forão de corrida largarão as escadas que leuauão, porque com ellas nom podião correr; mas sendo pegadas nas paredes, os mouros de cima os receberão com muytas panellas de poluora, e lanças de fogo, e materiaes acezos, e frechas, e zagunchadas, que com o fogo fizerão muyto mal aos nossos. Polo que então, tornando a tomar as escadas, trabalhauão de sobir, e outros pegados polas paredes, a que os mouros registião fortemente; e o que os nossos de fóra muyto defendião com as lanças, que chegarão aos mouros, e com muyta espingardaria que os nossos já tirauão, que os mouros nom ousauão apparecer, mas estauão baixos em outros andamentos que fazia a mesma parede, d'onde muyto defendião; mas muytos d'elles erão derribados pera dentro e pera fóra, que os nossos com espingardas faziam muyta obra; mas sendo postas algumas escadas, que os nossos começarão a subir em cima nas paredes, com os fays, que abrangião aos mouros, logo a sobida ficou franqa. Mas os nossos assy estando em cima, os mouros de dentro do arrayal com as espingardas e frechas os ferião muyto.

Diogo do Couto relata assim o assalto : ()

E tornando aos da dianteira, tanto que fubiram a cava á outra banda, remettêram com o muro, em que começaram a arvorar fuas efçadas. Os inimigos como eftavam alerta, deparáram nelles fua artilheria.

.....
Por esta maneira fe encoftáram muitas efçadas de longo a longo do muro, porque as outras duas companhias de D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima chegaram logo, trabalhando muytos per fubirem, favorecendo-os o debaixo com fua efpingardaria, começando-fe de parte a parte huma muito rija, e cruel batalha fobre a entrada; e todavia alguns dos noffos cavalgáram o muro, e fe puzeram em cima ás cutilladas com os Mouros; e como a coufa foi tão baralhada, e fubiram por tantas partes, não fe pode averiguar quem foi o primeiro.

Os quatro panos do triunfo II, III, IV e V (n.º 100, 99, 97 e 98 do Inv.º de Viena) explicam-se com os textos de Gaspar Correa e Diogo do Couto, que transcrevo mais abaixo.

A ordenação do cortejo, conforme a sequencia do meu agrupamento é feita tal qual o texto de Gaspar Correa.

Na legenda do pano III o tapeceiro com certeza se equivocou não tecendo algumas palavras, pois não faz sentido a redação latina; faltam talvez as que significassem «por deliberação do povo, etc.».

Na porta de Santa Catarina de Goa, adornada com bandeiras tendo a cruz de Cristo e a roda de S.ª Catarina, vê-se um arco triumphal encimado por um leão de pedra dourado tendo no peito um escudo com as armas dos Castros e, sobre a portada, no frontão, um lebreiro que diz :

(1) DIOGO DO COUTO — *Decadas* — Dec. VI, pag. 266 e pass (ed. de 1781).

(1) *Lendas da Índia*. Tomo IV, pag. 552.

(2) Quando examinava, em Viena, este pano, occorreu-me aquelle estranho desafio, que relatam os chronistas. Dom João Manuel e João Falcão desavindos e provocados concordaram que o primeiro que subisse o muro inimigo seria o vencedor. Aprestaram-se a escadas e o tragico desfecho é de sobejo conhecido. Na tapeçaria, junto ao muro, veem-se duas escadas pelas quaes vão subindo guerreiros portugueses.

(3) *Lendas da Índia*. Tomo IV, pag. 557 e pass.



IV—O cortejo triunfal atravessando as ruas de Oôa (continuação): carros com balas de algodão e escadas de assalto, tiros encarrutados e carros com pelouros; espingardeiros e soldados portugueses.—Altura 3,=47. Largura 3,=27.

Na orla interior a marca:



(n.º 98 do Inventário de Viena)

BEM AVENTVRADO IMORTAL
TREVIMFO POR A LEI E POR
EL REI E POR A GREI. (1)

D. João de Castro, vestido com roupas de setim carmezim, golpeadas de ouro e mais adornos ricos, recebido pelo capitão da cidade D. Diogo de Almeida Freire e depois de ouvir a arenga que Tomé Dias Cayado lhe fez em latim, toma lugar debaixo do palio de tela de ouro sustentado pelos vereadores da Camara (2) e seguido dos homens bons. Nesta ocasião Tristão de Paiva põe na cabeça do triunfador uma coroa de louros.

O mesmo Tristão de Paiva, caminha à frente do palio levando a gôrra emplumada do Governador n'um «formoso prato de bastiães dourados». Frei Antonio do Casal, custodio e comissario dos franciscanos, de sobrepele e estola, com a cruz alçada n'um pique, tal como em Diu, vai logo a seguir e mais adiante o alféres Diogo Barbudo com a bandeira real que fôra na batalha, de setim ás barras com uma cruz vermelha vasada de branco, precedendo-o a da cidade em seda branca com a imagem de S.^{ta} Catarina, e o guião quadrado do Governador de «setim branco com a cruz de Cristo em setim carmezim». Um vereador leva n'um bacio dourado peças de brocado para ofertar ás igrejas; todos «vão em fio um'diante do outro».

Depois das charamelas vai Jusarcam de braços cruzados, «homem mancebo que em sua tristeza, bem mostrava ser captivo» vestido com uma túnica parda, entre o secretario Cosme Anes e o ouvidor geral Antonio Martins.

As bandeiras reais de Cambaia tomadas na batalha, de tafetá verde em forma de *coyça* vão rojadas pelo chão.

Duas filas de guerreiros e fidalgos portugueses, alguns com capelas nos morriões e gôrras de veludo, fazem «azes» como em procissão.

No primeiro plano, á esquerda, um naire sustenta no braço uma adarga com o brazão dos Castros. Vão seguindo os fidalgos portugueses ao longo das ameias do eirado e de certeza que entre estes encontraremos os principaes que acompanharam o Governador na jornada de Diu; um dêles empunha um guião vermelho com o escudo de D. João.

Ao fundo caminha a guarda do Governador, com pifaros e tambor, com o seu capitão Gomes Vidal.

No segundo pano do triunfo, á esquerda e no meio, antes dos trombeteiros do Governador tocando nos instrumentos que levam estandartes esquartelados de prata e azul e ao centro o escudo das seis arruelas, vão os captivos manietados por cadeias. (3).

(1) O distico é o mesmo que traz GASPAR CORREA, salvo a grafia.

(2) Na tapeçaria o palio tem quatro varas. Os cronistas dizem que eram seis.

(3) O auctor dos cartões, cortando a fila dos captivos com a cercadura, *salvou* a representação dos 600 cativos encadeados. O mesmo direi dos 40 tiros encarratados do pano seguinte; a cercadura á direita deve esconder os que faltam.

Segue um carro com despojos bélicos, zargunchos, couras, saios de malha, lanças, adargas, arcos, flechas e mascarar de ferro e depois almadias enramadas.

Os «azes» do cortejo caminham na sua ordenação, com os atabales, anafis, e seus guiões; as janelas estão paramentadas, «*chêas de mulheres fermosas deitão aguas destiladas de aromas diferentes*» e nas embocaduras das ruas o gentio de Goa observa gravemente a passagem dos conquistadores.

No terceiro pano, os espingardeiros portugueses, com seus arcabuzes de morrão, pendentes do peito os polvorinhos vão seguindo sempre ao longo das ameias.

No centro os carros com balas de algodão (4) e escadas de assalto, outros com pelouros e os tiros encarratados são puxados por escravos.

No ultimo pano termina o eirado empavezado com bandeiras de damasco, com a cruz de Cristo e a roda de S.^{ta} Catarina em sua côr dourada, e fôra a artilharia dispara «com pouca polvora sendo os pelouros maçapães, fartens e outros doces». — Abrem o cortejo os bombardeiros, com suas lanças e bota fogos, ladeando danças de vilões com pandeiros e cascaveis, folias com jogo de espadas, figuras de gigantes, anões, diabretes e *coisas de folgar*.

Junto ao muro, vão dois trabucos atrelados a elefantes, tendo no dorso grandes palanquins com soldados e bandeiras portuguezas. Vê-se ainda o rodado trazeiro de um carro enramado.

E', em parte, a unica descordancia das crônicas. Nenhuma delas fala de elefantes; se não foi um lapso, pouco provavel, dos narradores penso que seria uma fantasia do autor dos cartões.

São estes quatro panos os principaes da série, e, como disse, a minuciosidade e veracidade dos pormenores, da figuração e dos accessorios, é extraordinaria.

Os textos que se seguem completam, para o leitor, a descripção que fiz.

Segundo Gaspar Correa, o triunfo foi assim ordenado: (2)

Sobre o caez da porta de Santa Caterina, que era na entrada do começo da cidade, sobre o caez de pedra lhe fizeram um caes de madeira até dentro d'agoa, em que auia de desembarcar. E o Governador partio de Pangim com toda a fustalha, muy loução de bandeiras, toldos, estandartes, com muytos ramos, e n'ella toda a gente que com elle viera de Dio, que pera isso se forão todos a Pangim, que vinhão com suas armas, e espingardaria, e seus pifaros e atambores, e os capitães com seus guiões, e muytas trombetas, atabales e charamelas; com que vindo assy polo rio tirando artilharia das fustas e muyta espingardaria tambe assy lhe respondião de algumas quintãs que estauão pola borda do rio, e per outros lugares de vista, onde estauão bandeiras e toldos, e muyta gente. Onde o Governador entrando pela ribeira, toda armada estaua assy muyto louça de bandeiras e ramos, que desparou toda muyta artilharia, e apoz armada o fez a cidade outro tanto, que foy muyta em estremo; com que o

(4) Bala de algodão forrada de couros crus que faziam ameias, de que usavam as rumes. *Lendas da India* Tom. IV, pag. 468.

(2) *Lendas da India*, Tomo IV, pag. 588 pass.

Gouernador chegou a desembarcar ao caes nouo, que estaua com muytas armoes e bandeiras, e os muros da cidade ao longo do caes estauão paramentados de pannos de cores. O Gouernador no caes ordenou sua gente em azes, como procissão, com que foy até onde estauão os officiaes da cidade com muyta gente, todos ricos e louções, com seu palio e arenga, onde lhe tinham hum lanço de muro derru-

E feyta sua arenga em louvor de sua vitoria, e o capitão lhe offerecendo as chaues segundo costume, veio Tristão de Paiua, honrado cidadão, com hum bacio de prata grande, dourado, em que lhe apresentou huma palma verde, e huma capella da mesma palma, que o mesmo Tristão de Paiua pôs na cabeça ao Gouernador sobre uma gorra de veludo que trazia, e lhe meteo a palma na mão; mas



V - O cortejo triumphal atravessando as ruas de Gôa : bombardeiros, festas e folias, pélias e danças de vilões. Gigantes, mōnos e diabretes ; os dois trabucos. Fôra do eirado artilharia e morteiros disparando com docês e fartens.—Altura 3,m55. Largura 3,m94.

Na orla inferior a marca :



(n.º 97 do Inventario de Viena)

bado até o chão, per que entrou. E na torre que estava na porta, que estaua toldada de pannos, em cima das amêas estauão dous liões grandes, que tinham nos peitos escudos das armas do Gouernador, e abaixo d'elles estaua hum letreiro em papel, que todos podião lêr, que dizia : «Bemaumentado e immortal triumpho, pola ley e por El-Rey, e pola grey.»

o Gouernador tirou a gorra e a pôs no bacio, e pôs a capeila na cabeça em cima dos cabellos, ao modo romano. O Gouernador estaua armado em huma coyra de laminas de tella d'ouro, e tinha vestida huma roupeta franceza de citim crismisim, forrada de tafetá encarnado, guarnecida de passamanes d'ouro, e calças e muslos do mesmo teor; que assy vestido e laureado bem mostraua ser vencedor de ta-

manho feyto. Então trouxeram cestos cheos de capellas de rama miuda, que o Governador mandou que pusessem todos quantos com elle vinhão, porque todos fossem com elle laureados. Então o tomarão debaixo do paleo, que era de tãla d'ouro, com seis varas que leuauão os vereadores; então se pôs diante do Governador, pegado com o paleo, o padre commissario de São Francisco, com a cruz alta assy como foy na batalha. E adiante do padre hia Duarte Barbudo, alferes, com a bandeira real que foy na batalha; e adiante do alferes hia a bandeira da cidade, e diante d'ella hia hum guião do Governador, de damasco branco, quadrado, com a cruz de Christos de citim, cimismim; e diante do guião hia hum homem com um bacio de prata, de mãos, em que leuaua huma peça de brocado feyta em tres pedaços, pera o Governador ofertar. Todos estes hião em fio hum diante d'outro, e mais adiante hum pouquinho hia o secretario, e o ouvidor geral, que leuauão em meo o Juscão, que no arrayal foy cativo, vestido em huma cabaia de veludo pardo e sua touca, homem mancebo, que em sua tristeza bem mostrava ser cativo. E diante d'elle a bandeira d'ElRey de Cambaya, arrojando polo chão, (de que já disse atrás como era feyta) e adiante d'ella hião mais outras quatro, todas de seda, de seus capitães, huma diante d'outra, todas assy arrojando polo chão; e adiante d'estas bandeiras hum pouquinho hião muytos cativos das nações que já disse que auião no arrayal, atadas as mãos detrás, todos metidos dentro de huma touca, todos com as cabeças baixas. Diante d'estes hião dous carros, hum ante outro, e n'elles páos aleuantados, em que hião penduradas armas de todolhas sortes que auia no arrayal, e armaduras dos corpos e cabeças, e arcos e frechas, e lanças, e bombas de fogo; e adiante hião outros dous carros, em que hião almadias, e vauens, tauoado e petrechos do arrayal. E adiante d'estes outros dous carros com ballas d'algodão, e caualletes, e mantas, e ferramentas do arrayal: todos estes carros em fio, hum diante d'outro. E adiante d'estes hião vinte tiros de metal encartados, e carretas com poluora, e pilouros, e panellas, e todos em fio hum diante d'outro, polo meo da gente que hia polas bandas de huma parte e da outra, com muyta espingardaria que hião desparando, e seus pifaros e atambores, e guões, e muytas trombetas e charamellas. Hião diante da gente armada a gente do mar com lanças e rodellas, e adiante junto d'artelharia hião os bombardeiros com seus botafogos. Diante de tudo isto hião folias, e péllas, e feguras de gigantes, e danças d'amazonas e villãos, e momos, e muytos diabretes e cousas de folgar.

E com isto assy posto em ordem o Governador aballou pola cidade dentro, e passando perante a porta do espirital, em que estaua pintada Nossa Senhora da Misericórdia, o Governador pôs os joelhos no chão, e lhe fez oração; e andou per huma rua de longo do muro, que foy ter á fortaleza, que lhe fez outra salua. Então foy atrauesando a cidade, que todolhas ruas estauão juncadas e enramadas, e as janellas paramentadas, cheas de mulheres formosas, e nos lugares em que auia geito pera isso estauão feytos muytos cadafalsos, paramentados de pannos de seda, em que fazião jogos e muytas enuções as gentes da terra, cada hum segundo seu officio. Foy o Governador pola rua direita, que toda estaua paramentada de peças de brocados, veludos, e sedas, cousa rica e ferosa de ver, e de todolhas genellas deitauão sobre a gente froles, e agoas chelrosas, e perfumes, nas portas todos lhe fallando palauas de muytas honras, com grande prazer em todo o pouo.

A narração de Diogo do Couto, concorda em geral com a anterior e esclarece algumas passagens. (1)

Tinha a Cidade mandado fazer no Bazar de Santa Catharina hum formoso caes, pera nelle desembarcar o Governador, por querer entrar por aquella parte; e porque a porta do muro alli era pequena, rasgou-se-lhe toda de alto abaixo, e cubriram-se as paredes de huma parte, e de outra de peças de boricados, e de veludos de cores; em

fima das paredes de huma, e da outra banda eftavam dous grandes galeões (1) de pedra com as gargantas, e cabeças douradas, e nos peitos formosos efudados com as armas dos Castros, que são feis arruelas azues em campo de prata, como as trazem os da casa do Governador do Cível. O caes entrava muito na agua, e eftava todo cuberto com formosos arcos de peças de fedas, e delle até á porta do muro que fe rasgou, era hum formoso bofque de arvoredos, que fazia tudo muito fombrio. E todo aquelle campo de longo do muro, por onde havia de ir até o caes dos Paços dos Vifo-Reys, eftava telado, alcatifado, e enramado, e pela banda do mar muitas peças de artilheria cevadas, todas enramadas, e com fuas bandeis; e o mesmo todas as náos, e galeões que eftavam no rio. Acudiram mais todas as almadias de Goa, e de todas as ilhas vizinhas (que eram infinitas) enramadas, e embandeiradas; e era de feição, que cubriam o rio, que ficava parecendo hum verde bofque. As ruas do caes até á Misericórdia, e della á Sé eftavam custosamente guarnecidas, e as janellas armadas de pannos de ouro, e fedas com muitas, e muito custosas invenções. Tinham os Vereadores ordenado na boca do terreiro, que hoje he do Paço, huma fortaleza de madeira, cuberta de papel, ou teadas, com feus baluartes, e cubellos, pela traça da de Dio, e dentro nella muytos lascarins com foguetes, bombas de fogo, e algumas bombardas, e efpingardas, muitas panellas de poluora, e outros artificios de fogo. Pela mesma maneira tinham ordenado muitas folias, e danças de invenções, muito custosas; e deftes regozijos tudo o que o tempo lhes deo lugar.

O Governador ao Domingo á tarde abalou de Pangim nefte ordem. As náos, galeões, caravelas, e todas as mais vaflhas de alto bordo diante, com todas as vélas dadas, formosamente embandeiradas; e logo atrás aquella fomma de fuftas, que eram mais de oitenta, em ordem com muitas charamellas, trombetas, atabales, tambores, pifaros, pandeiros, folias, e outros infrumentos alegres, todas enramadas, e embandeiradas, fazendo hum tamanho eftrondo, que parecia que fe desfazia o rio de Goa. O Governador hia detrás de toda a Armada em huma galeota toldada de brocado, e embandeirada de formosas bandeiras, e eftandartes de fedas de cores. Hiam com elle embarcados todos os Fidalgos velhos da Armada.

Nefte ordem foram entrando pelo rio affirma, por meio daquelle formoso, e alegre bofque de almadias, batéis, e outras embarcações embandeiradas. E chegando os galeões defronte da fortaleza, furgio o São Diniz, que era do Governador, que hia diante de todos com a bandeira Real na gavia, e falvou a fortaleza com as vélas em fima iftadas nos palancos; e pela mesma maneira todos os mais galeões, e náos, que foi a mais foberba coufa que fe podia ver. Acabada a falua, chegou a Armada de remo, e deo a fua; e abrindo-se as fuftas de huma parte, e de outra, foi paffando o Governador por meio dellas, e poz a prôa no caes. O Condeffabre mór, a quem era encarregado aquelle negocio, mandou dfparar toda a artilheria que eftava em terra, que era muita, que tambem fei outro mui grande terror, e ef-panto.

O Governador defembarcou no caes, que entrava muito pela agua, ao fom de muytos infrumentos. Vinha vestido em huma roupa Franceza de fetim cramezim, toda guarnecida de ouro, com golpes pelas mangas, tomadas com botões ricos, e hum jubão do mesmo theor, huns altos de grã á Portugueza antiga, com alguns golpes; por fima do jubão levava huma coura de laminas, affentada em boricado, e cravada de prégos de prata; na cabeça levava huma gorra de veludo preto com formosas plumas, e efpada, e adaga de ouro. No caes o eftavam efperando o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e os Vereadores, que o receberam com muytos grandes cortezias. O Governador fe deteve alli até defembarcar toda a gente da Armada, e fe pôr em ordem, affim como entraram na batalha, com fuas bandeiras defenroladas, ao fom de tambores, e pifaros, não pofitos em fileiras por causa das coufas do triunfo, que haviam de ir no meio, mas a modo de procissão de longo das paredes.

Pofto tudo em ordem, abalou o Governador do caes em meio do

(1) *Decadas*. — Dec. IV — pag. 311 e pass.

(1) Na edição de 1781, vem «galeões»; deve ser leões.

Capitão, e Vereadores; e chegando á porta do muro que fe rompeo, achou um Cidadão, chamado Thomé Dias Cayado, que lhe fez huma falla em Latim muito eloquente, e elegante, toda em louvor da vitoria, que lhe noffo Senhor deo dos Capitães de ElRey de Cambaya, com que toda a India ficava fegura, e fóra de receios, louvando-lhe fua prudência, fegurança, e prefteza. Acabada a falla, desfizeram-fe os infrumentos todos, que parecia que o Mundo fe fundia. Aqui fe deparáram algumas peças de artilheria de boca larga, que eftavam apontadas pera o ar com pouca polvora, cheias todas de maçapães, empenadilhas, fartens, e outras curiosidades deffta forte, que em lhes

que vai de longo do muro pera o terreiro do Paço. Hia junto delle feu filho D. Alvaro de Caftro, e diante do pallio o Padre Fr. Antonio do Cafal, Cuftodio de S. Francisco, veftido em huma fobrepelliz, e com o mefmo Crucifixo que tirou da batalha, levantado na haftea da lança com o braço quebrado da pedrada que lhe deram.

Diante hum pouco delle hia a bandeira Real das Armas de Portugal, e diante della Juzarcán, Capitão de ElRey de Cambaya, que foi cativo na batalha, veftido em huma cabaya de veludo pardo, em meio do Secretario Coíme Anes, e do Ouvidor Geral Antonio Martins. Levava as mãos cruzadas, os olhos baixos; diante delle hiam fete



VI—Campanha contra o Hidalcão—D. João de Castro e seu filho D. Alvaro comandando as tropas portuguezas, atacam os «mouros» junto ao castelo de Pondá, que é incendiado.—Altura 3,m45. Largura 4,m70.

Na orla inferior a marca :

P 9



(n.º 93 do Inventario de Viena)

dando o fogo, as lançou a força da polvora por esses ares; e como hiam fracas, tornáram a cahir fobre grandes cardumes de moços, Mouros, Gentios, e de todo o mais povo. Os Vereadores eftendêram hum muito rico pallio, e tomáram o Governador debaixo delle; e hum Cidadão chamado Triftão de Paiva, que era Procurador da Cidade, chegou a elle, e lhe tirou a gorra da cabeça com muita cortezia, e reverencia, e a poz em hum formoso prato de baftiães dourado, e a levou diante do pallio alto; e ao mefmo tempo um Vereador lhe poz na cabeça huma coroa de palma, e na mão hum formoso ramo della; e affim começou a entrar pela Cidade pela rua de Hófpital,

bandeiras dos Capitães de ElRey de Cambaya, e hum muito grande guião arraftando-fe todas pelo chão. Diante dellas hiam as dos noffos Capitães arvoradas, e antre humas, e outras hiam os cativos de Cambaya, que passavam de feiscentos, mettidos todos em correntes, que levavam arraftando. Diante dellas hiam dous Trabucos, e algumas carretas de artilheria miuda, porque a groffa não pode levantar-fe. E diante outras muitas carretas, carregadas dos depojos da guerra, armas, efpingardas, falas de malha, lanças, croques, mafcaras de ferro, e outras muitas invenções de apetrechos de guerra.

Neffta ordem foram até o terreiro do Paço, onde eftava a fortale-

za armada, que começou a desparar sua artilheria para o ar, e despejar bombas de fogo, e foguetes, e arremessar panellas de pólvora para uma parte, que para isso estava despejada, tudo com muita boa ordem, e compasso; conta que o Governador folgou muito de ver. Dali atravessou toda a rua direita, que estava formada para ver, com muitas Damas pelas janellas, com roças, boninas, aguas de cheiro, que de fuma derramavam sobre o Governador. Os Gentios, e officiaes de todos os officios foram alli oferecer coufas pertencentes a seus officios: os ourives do ouro, ouro batido feito em pedacinhos; os da prata o mesmo; os mercadores das sedas, estendiam por baixo dos pés do Governador pedaços de peças, e lançavam pelo chão finos carambandos; e os das roupas finas, beililhas, beirames, e outras muitas peças, tudo com mui grande regozijo de todos. O Governador foi todo o caminho muito alegre, e risonho; e assim desta maneira chegou á Misericórdia, aonde entrou, e fez a sua oração, e offereceu sobre o Altar uma rica peça de bocado.

O assunto do VI pano, (n.º 93 de Viena), deve ser um episodio da campanha contra o Hidalção, que depois da acção de Diu, mais occupou o Governador.

D. João de Castro junta muita gente de guerra e parte para Banestaram direito a Pondá. A luta representada no segundo plano da tapeçaria será o ataque feito pelas tropas de D. Alvaro de Castro, apoiado pelo Pae e Governador, que terminou pela fuga dos «mouros» e incendio do Castelo. A direita as tropas portuguesas, armadas de espingardaria e lanças, com sua bandeira de barras verdes e vermelhas golpeada de uma larga aspa, (1) em ouro, irrompem valorosas contra a cavalaria e frecheiros do Hidalção, que vão retirando, ao mesmo tempo que a população abandona o Castelo, já em chamas.

As figuras do primeiro plano, em trajes orientaes, são de pura fantasia.

Este passo que presumo importante e tanto que, diz o chronista, a cidade de Góa recebeu o Governador e seu filho D. Alvaro, debaixo do palio, com largas festas e folias, e carros enramados a «modo de triumpho», é assim descripto por Gaspar Correa. (2)

O lugar e castello estava no cabo de hum campo junto de humas serras. O caminho per que os nossos hião era tão estreito a lugares que nom podia a gente hir senão a fio, per entre muytas serras e matos, de dentro dos quais os mouros puderão fazer muyto mal, sem os nossos se poderem valer. Chegando dom Alvaro á vista do lugar, que começou a gente a entrar no campo, os mouros estão prestes, que serão até de setenta de mãos cauallos, e cometerão os nossos antes que fossem muytos no campo; que estão alguns d'elles de sayas de malha, e laudés, e zagunchos compridos, e em todo bem concertados, e com muyta gente de pé, adargueiros, em que aua muytos frecheiros, que estão em az polo campo per junto dos matos. E auendo já no campo dos nossos até duzentos homens, porque hião assy em fio polo caminho ser estreito, os mouros de cauallo em huma batalha com huma bandeira correrão contra os nossos, que com as espingardas logo tres forão derrubados dos cauallos, e porque o estrondo das espingardas fazia muyto medo aos cauallos nom puderão os mouros chegar, como vinhão determinados. A gente do campo per ambas as partes se forão chegando

aos nossos, ferindo muito com as frechas, que erão rasteiras polo chão; com que os nossos assy estiverão ás espingardadas, até que os nossos tanto crecerão que os mouros se tornarão retraendo; com que os nossos logo seguirão após elles, sem os poderem alcançar, porque a gente de cauallo ficou atrás com o Governador, que se fôra na dianteira se pudera fazer bom feyto, que nom fogirão estes mouros, que esperarão o campo, sempre tirando muytas frechas e deitando muytas bombas de fogo; mas como se forão recolhendo polos matos e per entre as serras, os nossos correrão ao lugar, que já estava despejado, a que logo puserão fogo, que serão até duzentas casas de palha, e assy derão fogo ao castello.

No pano VII, que o inventario de Viena descreve como a «fuga dos indigenas» (n.º 96) vê-se ao fundo a esquadra portuguesa composta de galeões, caravelas e fustas, estas ostentando nos pavizes escudos com a cruz de Cristo, aproximando-se de uma costa, onde existem sumptuosos edificios. As personagens orientaes do primeiro plano, aprestam-se para uma fuga precipitada, carregando um camello com fardos e bagagens, e levando varios animais domesticos.

A este feito refere-se Diogo de Couto na Decada VI: (3)

E chegando defronte da Cidade de Dabul, que he a principal escaia que o Idalxá tem naquella costa, determinou tomar nella vingança do atrevimento que teve, em mandar seus Capitães sobre as terras que eram de El-Rey de Portugal; e deo recado aos Capitães da Armada, para que se fizessem prestes para o outro dia, ficando fóra aquella noite. E tanto que foi o quarto d'alva, commetteo a barra, dando a dianteira a D. Alvaro de Castro, e foi pôr a prôa na praia da Cidade, por meio de todas as bombardadas que lhe atiraram. D. Alvaro de Castro, que levava ordem do Governador do que havia de fazer, faltou em terra com dous mil homens, e com os Nayres de El-Rey de Cochim, e na praia achou o Tanadar da Cidade com hum grande corpo de gente, com quem travou huma formosa batalha, em que houve algum damno de parte a parte, mas todavia os inimigos foram arrancados do campo.

O Governador desembarcou com toda a gente, e fez della duas batalhas, huma deo a seu filho, e a outra tomou para si, e assim foram commettendo a entrada da Cidade, onde acháram muito grande resistencia, porque pelejavam seus moradores pela defensão das mulheres, filhos, e fazendas. E posto que os nossos tiveram grande trabalho, e risco, por fim do negocio apertáram com os inimigos de feição, que os rompêram, entrando a Cidade de envolta com elles, tendolhes os inimigos sempre o rosto, e pelejando com muito valor; mas como os nossos hiam com aquelle impeto, e o Governador com todo o cabedal era já entrado, foram levados os Mouros de rondão com grande estrago seu, e de tal maneira apertáram com elles, que os deitáram fóra da Cidade, ficando ella em poder dos nossos, com hum muito grosso recheio, que se metto a facho; e foi de feição, que se enchêram todos os navios, sem se enfiar a terça parte da Cidade. E depois de todos fartos á sua vontade, puzeram fogo a tudo o mais que fubejou, destruindo, afofando, derribando toda a Cidade de forte, que nada della ficou em pé. Quelamaram-se assim em terra, como no rio, muitas náos, e embarcações de toda a forte, ficando aquella mísera Cidade convertida em carvões, e cinza. Em fim o castigo foi tal, que em quanto durar a Índia, durará sua memoria.

A segunda e ultima campanha que D. João de Castro sustentou contra o Hidalção está representada nos tres restantes panos.

(1) Num dos panos da «Tomada de Tunes», apparece junto ao galeão português, um batel com uma bandeira semelhante.

(2) *Lendas da Índia*. Tomo IV, pag. 602 e pass.

(3) Pag. 405 e pass.

Nos panos VIII e IX (n.ºs 91 e 92 de Viena) a acção desenvolve-se no segundo plano até com excesso de minuciosidade. As tropas portuguesas atravessam para a terra firme em barcas e jangadas e dirigem-se para Salsete entrando no acampamento inimigo onde encon-

Nos panos estão representadas varias mezas com soldados portugueses comendo ao redor; em todas se vê uma bandeira, ou a de Cristo ou aquela ás barras, a que me referi. Perto estão sendo esfoladas e cosinhadas varias rezes, e de barris e pipas outros soldados dis-



VII—A esquadra portugueza comandada por D. João de Castro surgindo defronte de Dabul.—Altura 3, m50. Largura 3, m90.

Na orla inferior a marca:



(n.º 96 do Inventario de Viena)

tram mesmo a ceia preparada pelos adversarios que, surprehendidos pela rapidez do avanço tudo abandonaram. — «Deixarão nos quarteis as tendas, bastimentos e bagagê e ainda as viandas da cêa, já quasi cosinhadas que foram para o trabalho da marcha necessario e suave despojo». (1)

(1) JACINTHO FREIRE DE ANDRADE —: *Vida de D. João de Castro*. Paris, 1861 — pag. 256.

tribuem picheis cheios. Os cavalos descansam, guardados pelos escravos, que tambem transportam fardos com bagagens e vidualhas.

Segue-se a passagem das ribeiras pela cavalaria portugueza, o descanso nas tendas e a comida nas mezas dos soldados do Hidalcão. Ao longe vão ardendo as povoações inimigas.

A' direita, um naire, junto de um espingardeiro por-

tugues, sustenta no braço um escudo com o brazão dos Castros.

Passado o Governador á outra banda, teve logo avifo pelas efpias, que Calabatecan estava com todo o poder na Villa de Margão, que feria duas leguas e meia dali onde estava. E pondo sua gente em ordem, fez de toda a de pé duas batalhas de dous mil homens Portuguezes cada huma. A primeira, que era a vanguarda, deo a D. Alvaro de Castro seu filho, com quem haviam de ir todos os Nayres de Cochim, e Lafcarins da terra, de baixo da bandeira do Tanadar mór de Goa. A outra batalha tomou o Governador para fi, com quem ficaram todos os Capitães, e Fidalgos velhos. Da gente de cavallo, que hia toda de baixo da bandeira do Capitão da Cidade, também fez duas batalhas, que haviam de ir pelas pontas do esquadrão da vanguarda; e nesta ordem foram caminhando em busca dos inimigos ás tres horas da tarde, deitando diante alguns cavallos ligeiros para lhes descobrirem o campo. E antes de chegarem a Margão, distancia de meia legua, teve o Calabatecan rebate do Governador ir em pessoa a bucallo; e não outando ao esperar, levou-se com tanta preffa, que deixou as tendas armadas, e os caldeirões no fogo com a cea, e paffou o rio á outra banda pelos vallos, que logo mandou quebrar por os noffos o não feguiem, e fe recolheo pera as aldeias de Cocoly. O Governador foi caminhando até Margão, e antes da Villa, teve recado que os inimigos hiam fugindo com muita preffa. E chegando ao lugar onde os inimigos haviam estado, achou o arraial com todas fuas tendas, camas e mezas, onde fe todos apofentaram, e agazalharam á fua vontade, porque acharam rudo o de que tinham necessidade pera comer. Aquella noite paffaram alli com grandes vigias; e ao outro dia, que foi do Apoftolo S. Thomé, Padroeiro da India, fe levanton o exercito, e foi marchando em busca dos inimigos, mandando o Siqueira diante com huma companhia de Nayres aos efpiar, e a descobrir o campo; e chegando á ribeira, houve vifta dos Mouros da outra banda, porque o Calabatecan tanto que amanheceo, acudio a tomar os paffos da ribeira, porque o Governador não passasse. O Siqueira voltou logo ao Governador, e lhe disse, que alli tinha os inimigos da outra banda da ribeira. O Governador hia em hum palanquim, de que em lhe dando as novas faltou logo fóra, e cavalgou em um formoso cavallo melado; e tomando huma lança, e adarga, correu por todo o exercito muito rizonho, dizendo a todos:

«Eia, filhos, alli temos os inimigos; vamos a elles que pouco tendes que fazer, porque pera vosso esforço, e pera o alvoroço que em todos finto, tomáramos que foram mais, pera que ficára a victoria mais gloriosa.»

E paffando-se á dianteira, aonde hia seu filho D. Alvaro de Castro, e D. Diogo de Almeida com a gente de cavallo, lhes deo a nova e mandou que fe puzeffem em ordem. E chegando á ribeira, querendo-a commetter a vão, a acharam muito alta; e indo demandar o vallo, também o acharam quebrado; mas com a preffa ficou ainda alguma parte pequena por onde os noffos de pé começaram a paffar, e da outra banda acharam Calabatecan, que mandou hum Capitão que os accommeteffe, como fez. (1)

Depois de assoladas as terras de Margão a Salsete, desbaratados os «cinco capitães do Hidalcão» conforme reza a legenda do ultimo pano, e o assevera Pedro de Mariz, dizendo «que o Governador lhe sahio ao encontro com 2000 portuguezes de pé e 180 de cavallo e dando-lhe batalha campal os desbaratou... e de cinco capitães famosos morrerão os tres», (2) Dom João de recolhe-se a Goa. E' o assunto do ultimo pano (n.º 95 Inv. de Viena).

(1) *Decadas* — Dec. VI, pag. 408 e pass.

(2) Pedro de Mariz — *Dialogos de Varia Historia*. Dialog V, pag. 28 (ed. de 1758).

A cavalaria portuguesa, precedida dos infantes lá vae formada em esquadrões, levando á frente os trombeteiros, os guídes e bandeiras reaes, e a cruz alçada que sempre acompanhou o Governador.

Foi esta victoria tão celebrada e festejada em Góá, diz Diogo do Couto, que nos dias das festas nas folias, a que o Governador era muito afeiçoado, se lhe cantava um romance, que um curioso fez, que começa:

*Pelos campos de Salsete
Mouros mal feridos vão.
Vai-lhes dando no alcance
O de Castro D. João:
Vinte mil eram por todos (1)*

Nos ultimos panos aparecem em lugar proeminente tres figuras com trajés europeus cuja presença constitue um enigma.

Uma das figuras de fidalgo, em custoso traje de corte, que aparece repetida, poderia ser a do Governador; mas a mulher ricamente ataviada, que se vê ainda cavalgando um soberbo cavallo ruço?

D. Leonor Coutinho, mulher de D. João de Castro não acompanhou o marido á India. D. Alvaro, seu filho, não era ainda casado.

A figura que oferece um ramo de laranjeira pode ser significativa, porquanto a tradição conta que D. João de Castro de volta da sua primeira viagem á India, trouxera para Portugal os primeiros garfos de laranjeiras que plantára na sua quinta de Sintra.

Mas que fazem ali essas personagens?

Presumo, a exemplo de outras tapeçarias historiadadas da época, que fazem a apresentação da historia e dos factos desenvolvidos nas tapeçarias, comentando-os e explicando-os aos vindouros.

Chegado ao final destas linhas com que, bem ou mal, apresento ao leitor as reproduções das preciosas tapeçarias de Viena, desejaria desde já tentar explicar a sua proveniencia e reconstituir, atravez as antigas colecções dos Habsburgs, o caminho por onde chegaram até nós.

Foram até hoje infructiferos os meus esforços; nada consta de positivo sobre o assunto, e desconhecem em Viena como ali chegaram as tapeçarias. (2)

Quem as mandou tecer?

(1) *Decadas* — Dec. VI, pag. 415.

(2) O Dr. ERNST KRIS, confirmando-me o que eu soubera em Viena, acerca da procedencia das tapeçarias, escreve em 31-7-1928. «malheureusement nous ne savons pas par quel chemin cette serie soit entrée dans nos collections. Elle se trouvait dans l'ancienne collection impériale et les études en formation, de cette magnifique collection sont loin d'être terminées...»

Seria D. Alvaro de Castro, o filho do Vice-Rei? Não creio, e muito menos que viessem para Portugal ou que aqui estivessem por largo tempo.

O erro das datas e sobretudo o da legenda do pano do cerco de Diu, de certeza que teriam sido mandados emendar, e era coisa fácil, por D. Alvaro de Castro.

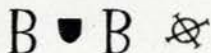
do cerco deixando-a sem reparo, retrogradar de oito anos.

Não ha noticia das tapeçarias em Portugal. Todavia valiosas como eram, tecidas com larga cópia de fio de ouro e prata, o que as tornava importantes e de maior valor intrínseco, é quasi impossível que tivessem



VIII - Campanha contra o Hidalção. D. João de Castro e os portugueses atacando e surpreendendo o acampamento inimigo perto de Salsete no dia 20 de Dezembro de 1547. — Altura 3m,50. Largura 3m,85.

Na orla inferior a marca:



(n.º 91 do Inventário de Viena)

Uma série de feitos a que ele proprio tinha assistido e compartilhado de forma tão brilhante não lhe deixaria passar um erro tão visível e tão contrario á verdade na mais importante de todas as acções em que se envolvera na India, nem teria esquecido a data memorável

passado despercebidas num país que tivera como filho esse homem celebrado pelo caracter, da mais rija tempera, que foi D. João de Castro.

Acresce ainda, por motivos de ordem técnica e material, que se as tapeçarias tivessem permanecido muito



IX—D. João de Castro na campanha contra o Hidalção. Passagem dos valos, incendio do castelo de Margão e descanso no acampamento inimigo, depois da batalha—em 21 de Dezembro de 1547.—Altura 3m,50. Largura 3m,35.

Na orla inferior a marca:



(n.º 92 do Inventário de Viena)

tempo em Portugal, não estariam hoje no magnifico estado de conservação em que se encontram.

Com efeito nos numerosos trechos dos panos tecidos com metaes preciosos não se observa nenhuma oxidação, conservando o fio metalico todo o brilho primitivo. Este facto não seria possível em Portugal, onde a proximidade do mar sujeitaria justamente os

Portugal, ou teriam ornamentado as salas de Penha Verde, perto de Sintra, ou colgado as paredes do Palacio dos Castros, em Lisboa, ambos os pontos relativamente proximos do mar.

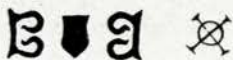
O neto do vice-rei, o bispo inquisidor-mór D. Francisco de Castro, que votava ao seu antepassado um culto venerando e a quem se deve a sumptuosa capela



X—D. João de Castro regressando a Goa com as suas tropas depois de ter vencido os cinco capitães do Hidalcão. — Altura 3, m55. Largura 4, m65.
N'um rótulo da cercadura superior a seguinte inscrição:

HIC. EST. RECESSUS. DÑI. IOÑNIS. DE. CASTRO. 13.
PARTIS. INDIE. HYVERNATORIS. IN. QVO. QVINQE. CA-
PITANEOS. DÑI. DE. DODALQVANO. SVBTRAVIT. ACTVM.
1538

Na orla inferior a marca



(n.º 95 do Inventaria de Viena)

tecidos metalicos a um certo grau de oxidação tornando-os baços. Devendo estar tendidas em salas, as tapeçarias ficariam assim mais expostas á acção corrosiva embora lenta, da atmosfera carregada de emanações salinas, que ataca os metaes.

E digo isto, porque, se as tapeçarias estivessem em

de S. Domingos de Bemfica onde repousam os restos do heroe, não só não teve conhecimento das tapeçarias nem as podia ter mandado tecer. A época do seu fabrico, cerca de 1555, não se ajusta á idade do prelado.

Elle que tantas mercês e doações fez ao convento

que guardava as cinzas da familia, não fala sequer em tapeçarias.

Emfim : não sei porquê, ocorre-me o ecletismo erudito e artistico desse homem admiravel que foi o arquiduque Fernando do Tirol, ⁽¹⁾ que no seu tempo juntou nos seus castelos e especialmente no de Ambras, collecções de arte, armaria, retratos e recordações de personalidades celebres do mundo inteiro, então conhecido, e que cuidadosamente arquivava tudo quanto se relacionasse com façanhas notaveis na guerra.

Os principes da Europa, por cartas que D. João III lhes mandou escrever, tiveram conhecimento do memoravel desfecho do cerco de Diu e dos feitos de D. João de Castro. E' um facto relatado pelos cronistas.

Damião de Goes ⁽²⁾ e Diogo de Teive, ⁽³⁾ espalharam, em latim, os successos memoraveis do cerco de Diu.

«Não se falava, em toda a Europa, noutra coisa se-
«não naquelle temeroso cerco de Diu, e na grande
«victoria que os Portuguezes alcançaram do mais pode-
«roso Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por
«muitos anos.»

O arquiduque Fernando, entusiasmado com as descrições, não poderia ter mandado tecer esses panos?

E quem seria o auctor ou inspirador dos cartões?

A relação do tempo, que mais se aproxima do desenho e disposição das tapeçarias é aquella escrita por Gaspar Correa, (1551) anterior á de Diogo do Couto e portanto feita em época muito aproximada da confecção das tapeçarias.

Por ventura seria essa relação, aproveitada directamente, e assim *transcripta* para os cartões de que se serviu o tapeceiro; ou teria mesmo Gaspar Correa, elle que tinha *entendimento em debuxar* ⁽¹⁾ mandado da India para Portugal, um desenho? A concordancia entre a crónica e a tapeçaria é tão flagrante que chego a presumir que esta hypothese seria aceitavel.

São, outros tantos problemas que os documentos, ou os esforços dos estudiosos, espero-o, poderão resolver um dia.

Mas dir-lhes-hei ainda, que por curiosa coincidência existe em Viena um belo livro de horas com certeza de origem neerlandeza, onde, entre as iluminuras principais se destacam as de Santa Catarina e de Santo Antonio, tão queridos aos portuguezes, e que nos fachaes de prata da sua simples encadernação de pele, tem gravadas as armas dos Castros, rezando a tradição que tal livro fôra pertença do Vice-Rei da India.

*

* *

Será licito formular o desejo que a Diplomacia, aliada á Arte, possa num dia feliz obter para nós essa admiravel série de tapeçarias tão directamente ligadas á historia e ao glorioso passado de Portugal? Ouso esperar que tal possa succeder.

LUIS KEIL.

⁽¹⁾ 1529-1595.

⁽²⁾ DAMIÃO DE GOES — *De Bello Cambaico ultimo comment*, Lovaina, 1548.

⁽³⁾ DIOGO DE TEIVE — *Comment. de rebus gentis in India ad. Dium*. Coimbra, 1548.

⁽¹⁾ *Lendas da India* — Tomo IV, pag. 596.





Bibliographia de Historia e de Arte

ARCHEOLOGIA E HISTORIA. VOL. V. Dedicado ao sabio professor Dr. José Leite de Vasconcellos. Sahu o V vol. da Archeologia e Historia, órgão da Associação dos Archeologos Portuguezes. Publica varios trabalhos de grande interesse dos socios da A. dos A. Srs. José Cordeiro de Sousa, Prof. Dr. Joaquim Fontes, J. Cardoso Gonçalves, Eng. Coronel Augusto Vieira da Silva e Monsenhor Couto. Dos trabalhos publicados são particularmente notaveis «Uma excursão Geologica á Galiza» do Prof. Dr. Joaquim Fontes, e «As mais antigas vistas panoramicas de Lisboa» por A. Vieira da Silva, o que de modo nenhum quer dizer que todos os outros trabalhos publicados não sejam tambem do mais alto interesse historico e archeologico.

DO DIREITO HERALDICO PORTUGUEZ. Conde de São Payo (D. Antonio). Em separata do Archivo do Conselho Nobiliarchico de Portugal, e numa tiragem de 100 exemplares, dos quaes sómente 50 se destinaram á venda, publicou o Sr. Conde de São Payo um interessante trabalho sobre o Direito Heraldico em Portugal, que, ao que nos conste, é o primeiro no genero nas nossas letras.

Historicamente bem documentado, traz aos que se dedicam aos Estudos da Heraldica uma necessaria methodisação de trabalho, e aos que se iniciam n'esses estudos um repositório de conhecimentos que lhes são indispensaveis, e cuja reunião é fructo de longos labores.

Reproduz varios brazões e uma interessante carta de brazão d'Armas do seculo XVII.

Marca este trabalho do Sr. Conde de São Payo entre os trabalhos historicos dos nossos dias.

O ASTURIENSE EM PORTUGAL. R. de Serpa Pinto. Em separata do fasciculo I do Vol. IV dos «Trabalhos da Sociedade Portugueza de Antropologia e Etnologia» publicou o Sr. Ruy de Serpa Pinto um estudo archeologico sobre a industria preneolitica Asturiense onde trata das varias Estações existentes ao norte de Portugal.

E' trabalho bem documentado com reproduções de varias peças Asturienses e photogravuras de Estações.

OS LUSIADAS. Edição nacional da Imprensa Nacional de Lisboa e dirigida pelos Srs. Drs. José Maria Rodrigues e Affonso Lopes Vieira. Lamento profundamente, e que mo perdoe o sabio mestre Dr. José Maria Rodrigues, de ter de discordar com esta edição.

Assim, a edição, como edição nacional é fraca, muito em especial depois da magnifica obra ha quasi meio seculo publicada pelo illustre morgado de Matheus. Como edição para os Lyceus, as annotações preciosas do mestre estão muito alem das materias que se professam no ensino secundario. Depois, a alteração da orthographia essa não ha direito! Camões que foi um genio tão grande que fez uma obra que, depois da Biblia, é talvez a que tenha maior numero de edições; tem direito a que se olhe respeitoso para essa obra sem que se lhe toque, mas ao contrario conservando-a. De resto, não é pela orthographia que os Lusiadas são difficilmente comprehendidos. E' pela erudição que n'elles se contem. Portanto, quem saiba estudar o que n'elles se

contem, ou tenha possibilidade de as estudar, não é pela orthographia que deixa de os perceber! Depois foi annunciada uma reproducção fiel da edição principal, e para ser fiel não se pode alterar, como disse o amigo Banana! Até, realmente, o formato da edição é infeliz: Sahiu um livro quasi cubico...

O TUMULO DE UMA INFANTA NA CHAROLA DA SÉ DE LISBOA. J. Mendes da Cunha Saraiva. O nosso estudioso consocio da Associação dos Archeologos Portuguezes publicou o interessante estudo com o titulo acima, e que se refere ao tumulo da Infanta D. Beatriz. Interessante trabalho de investigação, illustrado com duas reproducções do tumulo estudado.

O CONCEITO HISTORICO DA PALAVRA BEIRA. J. Mendes da Cunha Saraiva. E' um interessante estudo feito sobre a Beira, biographicamente muito bem documentado e que afirma os meritos de investigador que adornam o seu author.

UMA HORA DE JORNALISMO. E' um composto de aspectos e impressões profissionaes da vida jornalistica por alguns dos nossos melhores. Livro de reflexo da paixão profissional e feito para o auxilio do semelhante, é um interessante grupo de curiosas revelações para os que desconhecem o que teem os jornalistas que fazer para que no dia immediato os leitores encontrem no papel aquellas noticias que lhe delectam o tempo que gasta todos os dias lendo o seu jornal.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS DO GRAVADOR GREGORIO FRANCISCO DE ASSIS E QUEIROZ por Ernesto Soares. Em separata do vol. VI da Archeologia e Historia, e prefaciado pelo illustre presidente da Secção de Bibliographia o Tenente-Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, publicou Ernesto Soares um precioso estudo sobre o gravador Queiroz. Faz parte este estudo dum trabalho de grande folgo que Ernesto Soares tem entre mãos, e que d'aqui já annunciamos ao appetite dos nossos leitores: «Diccionario dos gravadores portuguezes e estrangeiros relacionados com Portugal». Investigador probo e cuidadoso, Ernesto Soares produz sempre trabalho da maior consciencia e de todo o credito. Como todos os estudos que effectua, baseia-se sempre este trabalho na documentação que durante annos passou rebuscando por onde conseguia topa-la. Bem haja pois Ernesto Soares, dando-nos trabalhos que alargam os nossos conhecimentos, e marcam pela boa orientação que n'elles existe.

1580 — O GOVERNO DO PRIOR DO CRATO. Damião Peres. N'um pequeno opusculo de 102 paginas trata o Dr. Damião Peres da epocha tremenda da nossa historia em que Portugal passou a ter como a Hespanha um Rei commum. E' difficil, depois do trabalho de largos annos do nosso erudito Marquez de Faria, fazer algo de novo sobre o Prior do Crato.

LUCIANO RIBEIRO

